

ORGANIZADORES:

SIRLEI DE SOUZA

(PROFESSORA DO COMPONENTE CURRICULAR ATIVIDADES DE EXTENSÃO)

ALUNOS DO 4º ANO DO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVILLE

MEMÓRIAS SOCIAIS NA PANDEMIA (COVID-19):

UMA EXPERIÊNCIA DE CURRICULARIZAÇÃO
DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA –
NARRATIVAS DA COMUNIDADE ACADÊMICA
DA UNIVILLE (CAMPUS JOINVILLE)



univille

ISBN 978-85-8209-115-9

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Univille

M533 Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*) / organização Sirlei de Souza. – Joinville, SC : Ed. Univille, 2022.

97 p. : il.

ISBN: 978-85-8209-115-9

1. Extensão universitária. 2. Covid-19 (Doença) – Aspectos sociais.
3. Epidemias – Aspectos sociais. I. Souza, Sirlei de (org.).

CDD 378.1554

Elaborada por: Ana Paula Blaskovski Kuchnir – CRB 14/1401

**O conteúdo dos textos apresentados nesta
publicação é de inteira
responsabilidade de seus(as) autores(as).**

MEMÓRIAS SOCIAIS NA PANDEMIA

 **(COVID-19):**

**UMA EXPERIÊNCIA DE CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA – NARRATIVAS DA COMUNIDADE
ACADÊMICA DA UNIVILLE (CAMPUS JOINVILLE)**

ORGANIZAÇÃO

Professora do componente curricular Atividades de Extensão:
Sirlei de Souza

Alunos do 4.º ano do curso de História da Univille – 2022:

Ana Julia da Silva / Brenda Cordeiro de Lima
Eranildo Alex da Costa / Gabriela Meier de Oliveira
Hellen Caroline Serafim / Isabela Spezia Petry
Jéssica Fernanda Barauna / João Victor Ellmer da Cruz
José Henrique Mosca / Lauana Aparecida Vicente Zanini
Leandro Pedro Cardoso / Leyse Rebeca Oliveira Akel
Luã Osvaldo Feretti / Lucas Henrique da Silva Lima
Natália Cristina Christoff / Thainá Camila Tambosi
Wesley dos Santos Graper

Joinville – SC

2022



EXPEDIENTE

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DA REGIÃO DE JOINVILLE – FURJ – MANTENEDORA

ÓRGÃOS DA ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR DA FURJ

Conselho de Administração
Presidente – Loacir Gschwendtner

Conselho Curador
Presidente – Rafael Martignago

ÓRGÃOS EXECUTIVOS DA FURJ

Presidente
Alexandre Cidral

Vice-Presidente
Therezinha Maria Novais de Oliveira

Diretor Administrativo
José Kempner

Procuradora-Geral da Furj
Ana Carolina Amorim Buzzi

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE – MANTIDA

ÓRGÃO DELIBERATIVO SUPERIOR DA UNIVILLE

Conselho Universitário
Presidente – Alexandre Cidral

ÓRGÃO EXECUTIVO SUPERIOR DA UNIVILLE

Reitor
Alexandre Cidral

Vice-Reitora
Therezinha Maria Novais de Oliveira

Pró-Reitora de Ensino
Patrícia Esther Fendrich Magri

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação
Paulo Henrique Condeixa de França

Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários
Yoná da Silva Dalonso

Pró-Reitor de Infraestrutura
Gean Cardoso de Medeiros

Diretor do Campus São Bento do Sul
Eduardo Silva

PARQUE DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DE JOINVILLE E REGIÃO – INOVAPARQ – MANTIDA

Diretor Executivo
Marcelo Leandro de Borba



PRODUÇÃO EDITORIAL

Coordenação Geral
Sílvio Simon de Matos

Revisão
André Herinque de Marafigo
Viviane Rodrigues

Diagramação
Marisa Kanzler Aguayo

Fotos

Genésio Krumheu (págs. 6, 26, 54, 69)
Leonardo Nürnberg Maria (capa, págs. 36, 97)

Comissão Científica

Arselle de Andrade da Fontoura – Mestra
Ilanil Coelho – Doutora
Leticia Ribas Diefenthaler Bohn – Mestra
Roberta Barros Meira – Doutora
Sirlei de Souza – Doutora

CONSELHO EDITORIAL

Membros internos (Univille): Prof. Dr. Paulo Henrique Condeixa de França • Prof. Dr. Sílvio Simon de Matos • Prof. Dr. Daniel Westrupp • Profa. Dra. Berenice Rocha Zabbot Garcia • Profa. Dra. Denise Monique D. S. Mouga • Prof. Dr. Fabricio Scaini • Profa. Dra. Liandra Pereira • Dra. Denise Lemke Carletto • Profa. Dra. Taiza Mara Rauhen Moraes

Membros externos: Profa. Dra. Adair de Aguiar Neitzel (Univali) – Representante da Área das Ciências Humanas, Letras e Artes; Prof. Dr. Delcio Pereira (Udesc) – Representante da Área de Sociais Aplicadas; Prof. Dr. Pedro Albeirice (UFSC) – Representante da Área das Ciências Humanas, Letras e Artes; Profa. Dra. Jurema Iara Reis Belli (Udesc) – Representante da Área das Ciências Humanas, Letras e Artes

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
Memória social da pandemia <i>Raquel A. L. S. Venera</i>	
INTRODUÇÃO	10
<i>Ilanil Coelho / Sirlei de Souza</i>	
O que fazer com a catástrofe? A passagem do solitário ao solidário	16
<i>Joseana Simone Deckmann Lima</i>	
Construção de sentidos e significados de estudantes de graduação da Univille durante a pandemia de coronavírus	21
<i>Silvia Simão de Matos / Hemerson Eckermann Silva</i>	
Pensando o “novo normal”: uma análise por meio da História Oral	27
<i>Luana Hellmann / João Lucas Ferreira</i>	
Docência e invasão do virtual: estudo com base numa entrevista oral sobre o isolamento social causado pela pandemia de covid-19	37
<i>Lucas de Souza Borba / Vinicius José Mira</i>	
Entre o eu e o outro: dilemas sociais nas narrativas de uma professora universitária em tempos de covid-19	45
<i>Camila Melechenco / Moroni de Almeida Vidal</i>	
História de vida na pandemia de covid-19: novas formas de ver e viver o mundo	55
<i>Lucas Jair Petroski / Gabriel de Oliveira Borges / Gabriel de Souza Rosa</i>	
Memórias da pandemia: a História Oral como ferramenta para a escrita da História	63
<i>Hellen Caroline Serafim / Isabela Spezia Petry</i>	
Percepções sobre os impactos da pandemia de covid-19 na comunidade joinvilense	70
<i>Thainá Camila Tambosi / Vanessa Heidemann</i>	
Considerações e experiências sobre a produção de fontes orais acerca de vivências na pandemia de covid-19	79
<i>Lauana Vicente / Wesley Graper</i>	
Memórias da cidade e experiências sociais na pandemia: contextos narrativos de uma operária industrial	88
<i>Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto / Vinicius de Azevedo Antônio Vieira</i>	



PREFÁCIO

Memória social da pandemia

Raquel A. L. S. Venera¹

O poder do compartilhamento das experiências humanas nunca pode ser subestimado. A partilha e a escuta de narrativas são expressões do que nos faz humanos. Este *e-book* condensa um trabalho que apostou no poder da ferramenta narrativa, e agora posso externar minha grata satisfação pelo convite para escrever o prefácio deste trabalho. Devo explicar que tal satisfação se justifica por três razões principais.

A primeira delas tem a ver com o fato de que as atividades de extensão propostas para a turma do curso de História em 2020 aconteceram no contexto da pandemia de covid-19 e, portanto, em situações adversas diante do que temos por experiência em extensão universitária. A condição a que todos fomos expostos desde março de 2020 mostrou que o isolamento social tem sido a medida mais segura para evitar a contaminação pelo coronavírus. Todas as atividades da universidade foram adaptadas ao modelo remoto, no entanto as atividades de extensão, por natureza, são desenvolvidas na, com e para a comunidade e em grande maioria contavam com o encontro físico, a conversa, as trocas e as partilhas comunitárias. Desta feita, a coordenação dos trabalhos, na figura da professora Sirlei de Souza, assumiu um grande desafio nessa condição adversa, e este *e-book* é a expressão do sucesso dos trabalhos elaborados e uma forma brilhante de devolver uma sistematização à comunidade envolvida.

A segunda razão da minha satisfação para escrever este texto e participar de alguma forma deste trabalho tem a ver com a primeira, especialmente com o fato de a saída criativa para esse desafio ser a mobilização de ferramentas disponíveis na História. Já é lugar-comum dizer que, “se a História não servir para a vida, ela não serve para nada”, mas nesse momento não me vem outra

¹ Doutora, coordenadora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Patrimônio Cultural e Sociedade.

frase. Diante da maior crise sanitária do planeta, quando todos precisamos nos isolar, eis que a História nos oferece uma ferramenta narrativa e permite aos estudantes atuarem tanto em extensão quanto em ações de aprendizagem.

E essa razão me leva à terceira justificativa da minha satisfação, porque a referida experiência de extensão confirmou a minha crença de que as narrativas são ferramentas de libertação, emancipação e empoderamento. Promover a circulação de falas e estar disposto a ouvir os outros sem julgamentos talvez seja o mais nobre gesto de humanidade em momentos de trauma – para quem ouve e para quem fala.

A experiência traumática vivida nessa pandemia evidencia para nós, profissionais da História – implicados com o tempo –, uma observação importante, qual seja a própria experiência temporal. Se já se falava que na atualidade vivemos uma sensação de tempo acelerado, especialmente mediado pelas tecnologias da informação e da comunicação, em tempos de pandemia, além dessa impressão, há de se considerar uma sensação de tempo de estarmos às vésperas de algo, como um tempo provisório. Esperamos a chegada da vacina, que poderia ser noticiada a qualquer momento; organizamos as rotinas domésticas, de estudos e de trabalho em casa, mas apenas provisoriamente, visto que a qualquer momento essa organização poderia se modificar; esperamos a chegada de boas notícias, mas tememos perdas abruptas; estamos às vésperas de superar a pandemia, mas também de sermos mais uma vítima. Se é verdade que o Tempo e a Narrativa estão interligados, como escreveu Ricoeur (2010), as narrativas carregam também essa urgência de véspera. Diante das emoções que o desamparo do isolamento provoca, essa atividade de extensão propõe-se a ouvir, e isso é por si um posicionamento político de civilidade.

Uma narrativa é sempre reflexiva e, nesse caso, em que se propõe falar sobre um tempo vivido sincrônico à própria entrevista, talvez a retrospectiva seja curta, mas revele a urgência desse tempo de véspera. As narrativas e as escutas carregam uma potência formadora que agora pode ser observada em partes neste *e-book*. Em partes porque não se tratou apenas de estudantes de História que estavam aprendendo a utilizar a metodologia da História Oral; as aprendizagens foram além do uso da técnica. Ao ouvir os outros, o entrevistador aberto às narrativas perde-se e encontra-se nesses outros, e aqui se faz uma aprendizagem imensurável.

Para finalizar, destaco quatro funções das narrativas que, em alguma medida, são evidenciadas neste trabalho:

1. A função antropológica, uma vez que a narrativa faz ver um sujeito protagonista no gesto de enunciação de sua história e nos conteúdos enunciados – um sujeito que elabora suas memórias, organiza suas ações e se faz ver em determinado tempo;

2. A função epistemológica da História, ou quando a narrativa se torna fonte histórica – os conteúdos narrados podem ser registros de um tempo vivido e de formas como se viveu aquele tempo passado;
3. A função formativa da narrativa, ou seja, uma compreensão em cadeia sobre a vida em um certo tempo. Melhor dizendo, pela narrativa se pode compreender o que o seu narrador entende sobre determinada experiência vivida. Esse exercício fenomenológico é uma metarreflexão sobre as experiências humanas no tempo;
4. A função da narrativa enquanto dispositivo educativo, ou seja, quando ela é introduzida em um planejamento pedagógico proposital e didaticamente para disparar reflexões e aprendizagens mensuráveis.

Diante do convite para a escrita deste prefácio, parablenizo todos os acadêmicos e a professora envolvidos em tal desafio. Registro minha gratidão pelo convite e confirmo minha admiração pelo trabalho desenvolvido.

REFERÊNCIA

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. 3.

INTRODUÇÃO

*Ilanil Coelho¹
Sirlei de Souza²*

“Enquanto todo mundo espera a cura do mal
E a loucura finge que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência”
(Lenine)

Aprendemos algo de útil sobre a nossa condição humana nesse processo de pandemia ocasionado pelo SARS-CoV-2 (covid-19)? Arriscamos uma resposta: aprendemos, no mínimo, a ter ou a fingir ter paciência, lidando com a imprevisibilidade de nossas vidas. A cada dia, um cenário. A cada dia, ouvimos e contamos histórias de perdas e de sentimentos dilacerantes.

Os dramas chegaram e ainda chegam a nós por meio de uma profusão de narrativas e de imagens. Ninguém passa ileso. Viver estes tempos inviabilizou nossas percepções ilusórias sobre o adoecimento e a morte. Como situações que a gente não pensa e não quer pensar todos os dias, eis que se fizeram presentes. Invisível como o vírus, o medo de enfrentar a doença e a morte se inscreveu em cada gesto que desejava afastá-las: isolamento social, máscara, álcool para manusear tudo e fumigação doméstica de vestuários e corpos que adentrassem no hermetismo de nossas casas. Por outro lado, invisíveis como o vírus, nossos corpos, até então imaginados como produtivos e vivos, foram tomados por fragilidades emocionais de toda ordem. Aquela ideia de que o futuro se realiza todos os dias, desde que cumpramos nossas tarefas de forma “eficiente e eficaz”, esmoreceu. De ponta a ponta o imperativo da paciência se inscreveu na fábrica, no comércio, no hospital, na escola, na igreja, na vizinhança, no sinal de internet, na alimentação, na lida com os filhos e no sono insone.

Ninguém conseguiu ficar “de longe e de fora” (MAGNANI, 2002) da ordem espacial e sociocultural da covid. Em comum, tivemos de compor “arranjos” próprios e diferenciados para viver a vida (in)comum e com o seu

¹ Doutora, coordenadora do curso de licenciatura em História da Univille.

² Doutora, professora do componente curricular “Atividades de Extensão”.

tempo em seus limites. Contudo como tem se desenrolado essa experiência quando nos defrontamos com singularidades individuais? O fato de perdermos o controle sobre os relógios e calendários afetou os sentidos e os significados de tempo? Dito de outro modo, para além da hegemônica racionalidade neoliberal de tempo³ que impera em nossas vidas e ao enfrentarmos a imprevisibilidade e o ingovernável da configuração espacial e sociocultural da covid, temos atribuído outros valores ao tempo e ao espaço em que se desenrolam nossas experiências?

Até a conclusão desta escrita (4 de março de 2022), o Brasil registrou 650.578 mortes e 28.904.030 pessoas infectadas (CORONAVÍRUS – BRASIL, 2022). A cidade de Joinville, principal polo econômico e populacional do estado de Santa Catarina, registrou 2.201 mortes e 162.976 pessoas infectadas (CORONAVÍRUS – JOINVILLE, 2022). Desde 2020, os especialistas identificaram cinco variações (CNN – BRASIL, 2022) preocupantes do vírus, o que sinaliza a condição de improvável erradicação num futuro próximo. Como as ciências humanas, em especial a pesquisa histórica, podem contribuir para o enfrentamento desse quadro? Em março de 2020, essa questão foi esboçada por um grupo de docentes vinculados ao curso de História da Univille.

Inserido em uma universidade comunitária, criada pelo poder público municipal, o curso de História, em seus 52 anos de existência, tinha diante de si vários desafios: reconfigurar o seu percurso formativo, marcado pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, colocando em destaque problemas e produção de conhecimento histórico relevante e contextualizado relacionados à situação que abatia a cidade e a universidade; adaptar-se aos meios tecnológicos para manter-se em funcionamento, atendendo às normativas sanitárias gerais e institucionais; mobilizar recursos físicos e saberes acumulados pelos corpos docente e discente; e conceber coletivamente um projeto de alto impacto social local. Foi nessa constelação de propósitos que nasceu o projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”. À medida que tanto a doença como o seu tratamento se pautavam em explicações e prognósticos de escala global; que, diferente e desigualmente, afetavam a todos em suas diferenças e desigualdades; que historicamente a covid se assemelhava a outras epidemias que abateram cidades

³ Nas palavras de Turin (2021, p. 225-226), “com a acelerada hegemonia da racionalidade neoliberal, assistimos a um novo movimento de sincronização, no qual esferas tão distintas como as da educação, da saúde, da política, da segurança pública e da economia são reconfiguradas em função de novos conceitos, como ‘flexibilização’, ‘inovação’, ‘eficiência’, ‘competitividade’ e ‘excelência’”.

e comunidades⁴; que, apesar disso, nos víamos surpreendidos pelas rupturas que se avizinhavam e se concretizavam em todos os domínios da vida social, a relevância do projeto consistia em explorar a complexidade do momento, isto é, perscrutar as “artes” de fazer e de narrar a vida no limite e as problemáticas abertas para o ofício de historiador.

Ademais, o emprego da categoria “experiência social”, no âmbito do projeto, possibilitou reforçar a concepção de que as pessoas não são autômatos da história, mas sujeitos do presente e do devir. Claro está que sobre elas recaem forças condicionantes, contudo exercitam autonomias refletidas diante de contingências, especialmente aquelas que se apresentam como “momentos de perigo”. Com a narração das pessoas sobre suas experiências em tempos de pandemia a historiadoras e historiadores em formação, o projeto pretendia abrir um espaço de escutas mútuas e de diálogos que se imbricam mutuamente. Desse modo, os resultados esperados sinalizavam ganhos não apenas teórico-metodológicos na formação, como também na experimentação da dimensão política do profissional de história.

Para a execução do projeto, valemo-nos da unidade curricular “Atividades de Extensão” e do Programa Institucional de História Oral, vinculado ao Laboratório de História Oral da Univille (LHO) que, no ano de 2022, comemora 40 anos de fundação. Com o apoio do LHO, foram produzidas 35 entrevistas com discentes e seus familiares, docentes, servidores técnicos e trabalhadores que prestam serviço à instituição. Na profusão das narrativas inscrevem-se os desejos de entrevistados e entrevistadores de falar e escutar sobre suas experiências do e com o tempo da pandemia, bem como de registrar os encontros como uma espécie de espólio a ser compartilhado e apropriado por outros, de outros espaços-tempos.

No conjunto de escritas que compõem este livro, somente alguns temas e questões foram objetos de análise e de interpretação histórica. Muitos jogos ainda poderão ser jogados colocando em campo questões como o tempo presente das narrativas e os tempos a que elas aludem, as saídas e críticas vislumbradas para um futuro melhor, as funções e implicações da rememoração e do conhecimento histórico, as dimensões éticas e políticas das representações do passado e do presente produzidas e, remetendo-nos às reflexões do filósofo Paul Ricoeur (2007), os poderes que podem incidir sobre o esquecimento social

⁴ Ver texto publicado pelo historiador Arno Wehling, “Pandemia e História”. O autor explica com maior clareza o que já foi considerado epidemia em diferentes espaços-tempos (peste, pestilência, febres malignas, epidemias etc.). Historicamente se constitui como doenças que assolaram de maneira intensa comunidades humanas: “A mudança de denominação, epidemia para pandemia, é mais um efeito da globalização”, referindo-se à “inteiridade” e “à extensão mundial da doença” (WEHLING, 2021).

das dores, das mortes, das fragilidades e das precariedades humanas narradas, contextualizadas pela comunidade acadêmica no tempo-espço pandêmico de Joinville.

Contudo, ao longo dos textos que compõem esta obra, o leitor vai deparar com questões importantes abordadas pelos autores.

O primeiro texto, “O que fazer com a catástrofe? A passagem do solitário ao solidário”, trata, por intermédio da psicanálise de Freud e de Lacan, das calamidades encontradas diante da pandemia, do não controle sobre as forças da natureza, da morte e da relação com o próximo. Foi produzido pela psicóloga Joseana Simone Deckmann Lima, funcionária da área de gestão de pessoas da Univille e participante convidada do seminário final, em que foram socializadas as experiências de aprendizagem resultantes do processo de pesquisa/extensão.

Já o texto “Construção de sentidos e significados de estudantes de graduação da Univille durante a pandemia de coronavírus”, produzido pelos psicólogos Silvia Simão de Matos e Hemerson Eckermann Silva, também funcionários da Univille, representantes da Central de Relacionamento com o Estudante (CRE), problematiza, por intermédio do atendimento e acompanhamento psicológico oferecidos na instituição, a forma como os acadêmicos da universidade foram afetados pelo distanciamento social forçado e de que maneira construíram a sua individualidade em momentos atípicos.

No tocante aos artigos escritos pelos estudantes, questões complexas e sensíveis relacionadas à pandemia foram discutidas.

João Lucas Ferreira e Luana Hellmann destacam, no artigo intitulado “Pensando o ‘novo normal’: uma análise por meio da História Oral”, questões sobre como a pandemia impactou o dia a dia das pessoas e as interações urbanas. As reflexões foram feitas com base em uma entrevista realizada com o professor Naum Alves de Santana.

Já o artigo “Docência e invasão do virtual: estudo com base numa entrevista oral sobre o isolamento social causado pela pandemia de covid-19”, de Lucas de Souza Borba e Vinícius José Mira, analisa uma entrevista com a professora Sandra Paladino, buscando compreender as angústias causadas pelo isolamento social e as estratégias para vencê-las.

O artigo “Entre o eu e o outro: dilemas sociais nas narrativas de uma professora universitária em tempos de covid-19”, escrito por Camila Melechenco e Moroni de Almeida Vidal, busca refletir sobre os impactos da pandemia e as alternativas de sociabilidades diante do isolamento social. Tais reflexões foram provocadas pela narrativa da professora Jani Floriano.

Os acadêmicos Lucas Jair Petroski, Gabriel de Oliveira Borges e Gabriel de Souza Rosa, no texto “História de vida na pandemia de covid-19: novas formas de ver e viver o mundo”, produziram uma análise com base na entrevista

realizada com o jornalista esportivo Tiago de Oliveira Borges, familiar de um dos acadêmicos, que relata, sob sua perspectiva de profissional da comunicação, as inquietações provocadas pelo confinamento e pelas demais medidas preventivas.

A fim de discorrer e analisar, por intermédio da entrevista feita com Fernanda Cruzzeta Eyng, o modo como a pandemia afetou funcionários da Univille, o artigo “Memórias da pandemia: a História Oral como ferramenta para a escrita da História”, de Hellen Caroline Serafim e Isabela Spezia Petry, versa sobre os desafios que mulheres com múltiplas funções enfrentaram ao longo do período pandêmico.

No trabalho desenvolvido por Thainá Camila Tambosi e Vanessa Heidemann, intitulado “Percepções sobre os impactos da pandemia de covid-19 na comunidade joinvilense”, a reflexão deu-se com base na narrativa do acadêmico Léo Bruno Sasse, e a principal questão levantada foi como a pandemia afetou os jovens em relação à ausência das interações sociais, às dificuldades de aprendizado e ao papel do governo.

O artigo intitulado “Considerações e experiências sobre a produção de fontes orais acerca de vivências na pandemia de covid-19”, desenvolvido por Lauana Vicente e Wesley Graper, traz a voz de um prestador de serviços da Univille, o senhor Ademir Brinckmann, que narra com delicadeza as surpresas que a pandemia trouxe para a sua vida e, do seu lugar de fala, provoca reflexões instigantes sobre o mundo contemporâneo.

No último trabalho, escrito por Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto e Vinicius de Azevedo Antônio Vieira, sob o título “Memórias da cidade e experiências sociais na pandemia: contextos narrativos de uma operária industrial”, a análise é feita considerando o indivíduo como sujeito no processo de ressignificação dos medos e das dores sentidas durante a pandemia e de que modo a entrevistada, trabalhadora da indústria local, a senhora Elaine Cristina de Souza de Oliveira Medeiros, articulou entendimentos sobre o impacto da pandemia em suas atividades de trabalho e em sua vida.

Destacamos que, além das entrevistas orais, outros olhares, outras formas de ver e significar esse momento fazem parte desta obra. Pelas lentes de Leonardo Nürnberg Maria, fotógrafo e assessor parlamentar, e Genésio Krumheu, economista, coordenador do Gabinete da Reitoria da Univille e fotógrafo por paixão, podemos ver e sentir os vazios, os silêncios e as imagens que nos marcarão para sempre.

Ao longo do projeto, aprendemos um pouquinho mais com a metodologia de História Oral e muito nos diálogos com nossos entrevistados. A coleção de entrevistas a ser incorporada no acervo do LHO resultou de um trabalho conjunto e intenso de estudantes e professores do curso de História que

envolveu desde a construção e envio do projeto ao Comitê de Ética, a realização de oficinas metodológicas, estudos teóricos e reflexões coletivas em encontros virtuais até o momento da produção do material que ora apresentamos.

Por tudo isso, mais do que parabenizar a todas e a todos pelo trabalho, agradecemos à vigorosa roda em que “ninguém largou a mão de ninguém”, formada pelos nossos entrevistados e entrevistadores, por estudantes e pesquisadores vinculados ao LHO, pelo grupo de pesquisa Cidade, Cultura e Diferença e pelos profissionais que atuam na Gestão de Pessoas, na Central de Relacionamento com o Estudante e na Editora Univille.

REFERÊNCIAS

CNN – BRASIL. **Ômicron, Mu, Delta, Lambda e outras**: conheça as variantes da covid-19 identificadas. 28 nov. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/omicron-mu-delta-lambda-e-outras-conheca-as-variantes-da-covid-19-identificadas/>. Acesso em: 4 mar. 2022.

CORONAVÍRUS – BRASIL. **Painel Coronavírus**. 3 mar. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 4 mar. 2022.

CORONAVÍRUS – JOINVILLE. **Painel Coronavírus**. 3 mar. 2022. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/coronavirus/>. Acesso em: 4 mar. 2022.

MAGNANI, Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. *In*: AVILA, Arthur Lima de; NOCILAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo (org.). **A História (in) disciplinada**: teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico. 2. ed. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

WEHLING, Arno. Pandemia e História. **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. 12 jan. 2021. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/tribuna/554-pandemia-e-historia.html>. Acesso em: 2 mar. 2022.

O que fazer com a catástrofe? A passagem do solitário ao solidário

Joseana Simone Deckmann Lima¹

No ano de 2020, o que parecia impossível aconteceu. O mundo “parou”. Esse momento foi o resultado de uma pandemia causada pela disseminação da covid-19, doença respiratória ainda pouco conhecida que desafiou a ciência e levou pesquisadores do mundo todo a buscar tratamentos e vacinas para controlar o vírus que pegou a todos de surpresa.

Segundo estimativas, a covid-19 é a síndrome respiratória viral mais severa desde a “gripe espanhola”, como ficou conhecida a *influenza* H1N1, ocorrida em 1918 e que causou entre 20 e 50 milhões de mortes em todo o mundo (SCHMIDT *et al.*, 2020).

Acontecimentos como guerras, catástrofes naturais e epidemias só fazem revelar o aspecto mais humano em nós, aspecto esse que Sigmund Freud (2020) apontou em seu célebre texto “O mal-estar na cultura”, do ano de 1930, em que descreveu as três fontes de sofrimento que acometem a humanidade: a impossibilidade de domínio sobre as forças da natureza – a pandemia aponta para isso; a morte, algo que está dado desde o início; e a relação do sujeito com o seu próximo, que em cada um reverbera de forma diferente.

A pandemia é um acontecimento para o qual não estávamos preparados, que incide na série que reverbera o Real (LACAN, 1988). Em psicanálise, este designa o inominável, o impossível de ser previsto, o que nos arrebatava e surpreende ou pode trazer à tona o desamparo, condição estrutural do humano, tendo em vista que o bebê humano precisa de outros para sobreviver, para fazer a passagem da natureza para a cultura, isto é, se humanizar.

Freud (1996) fala do “complexo do próximo”, mostrando que pelo contato com o semelhante, o próximo, se dá a primeira apreensão da realidade para o sujeito:

[...] um outro ser humano [...] semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto satisfatório, o primeiro objeto hostil e também a única força auxiliar. É por esse motivo que é em seus semelhantes que o ser humano aprende a (re)conhecer (FREUD, 1996, p. 383).

¹ Mestra, psicóloga no setor de Gestão de Pessoas da Univille em 2020, momento da escrita do artigo.

Neste texto o autor evidencia que a experiência de satisfação está marcada pelo desamparo primordial, característico da existência humana. No início de seu desenvolvimento, o bebê humano depende do próximo, do semelhante, já que, em virtude de sua prematuridade, é incapaz de levar a cabo sozinho a “ação específica” da qual depende a satisfação.

Portanto o sujeito humano está marcado e só sobrevive pela relação com o outro e, como afirma Freud (1996, p. 438), o desamparo inicial é a “fonte primordial de todos os motivos morais”. É o registro dessa alteridade, a presença e ausência do outro, que institui simultaneamente a formação subjetiva.

A forma como o sujeito se relaciona com o outro, seu semelhante e igual, depende de como lida com a falta no Outro. A vertente sustentada aqui, com base em teorias de Freud e Lacan, é de que o desamparo é característico do humano e disso o sujeito quer se afastar: daquele ou daquilo que evidencia esse desamparo.

Há, então, um desamparo que é estrutural, mas que no cotidiano pode não ser reconhecido. Diante de tantas demandas de sobrevivência, os sujeitos ficam assoberbados com uma rotina que pouco proporciona espaço para pensar na própria existência, e o espaço maior para a maioria das pessoas está em sobreviver ou mesmo obedecer ao discurso capitalista, que visa fazer a máquina andar, consumir e gerar lucro, para manter o sistema.

O que acontecimentos como a pandemia podem promover é uma suspensão da vida cotidiana em prol de algo maior, a manutenção da vida, e nesses casos fazer advir, para alguns, questões sobre o que move a própria existência: a importância ou não do contato com o outro, a falta daqueles que estão distantes e o excesso de convivência que evidencia conflitos que estavam tamponados pela rotina. Já em outros pode haver uma reação negacionista a essa realidade, diante do horror que é deparar com a finitude, ainda mais quando o Estado, que deveria promover a validação da lei da ciência nesse momento salutar, opera um discurso político que dá sustentação ao *modus operandi* do capital.

Mas o que fazer perante o desamparo estrutural? Na psicanálise, as palavras têm a função de bordear esse real traumático para que o sujeito possa decantar algo dessa experiência.

O *e-book* do qual este texto faz parte contém narrativas coletadas em entrevistas desenvolvidas por acadêmicos de História, sob orientação das professoras doutoras Ilanil Coelho e Sirlei de Souza. Os entrevistados foram diversos atores da comunidade universitária, abordados com o uso da tecnologia para preservar os envolvidos, no calor de um tempo em que a pandemia era presente. Essa pesquisa evidencia, sem dúvida, uma experiência corajosa e extremamente sensível, pois vem contribuir para a transformação do que é da

ordem do “mal-estar”, colocando-o em palavras e possibilitando que algo novo apareça, ou até mesmo que o solitário passe ao solidário das relações.

Como nos ensina Alberti (2004, p. 18-19), “o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões da sua vivência”. A produção de conhecimento por meio da metodologia da História Oral vem, neste momento obscuro, cumprir seu intuito de manter o registro histórico de um tempo, um tempo de perdas, de sofrimento, que vai passar, mas que precisa ser lembrado. Portanto, ainda segundo Alberti (2004, p. 19), “as entrevistas têm valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam”, oportunizando reflexões e desdobramentos tanto para quem fala quanto para quem escuta, servindo como um dispositivo de formação.

Para Benjamin (1994), a experiência é cada vez mais rara. Bondía (2002, p. 21) traz importantes contribuições sobre a palavra experiência: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. O autor faz uma crítica à “sociedade da informação”, dessa obsessão por informações, que nos impede de sentir, perceber e nomear a experiência, da qual seria possível elaborar um saber.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

Portanto, essa receptividade à experiência, vivamente versada por Bondía (2002), pode ser articulada na psicanálise, de acordo com Quinet (2009), como uma abertura ao *Heteros*, à diferença, à singularidade ou à estranheza de si mesmo e do outro.

Podemos pensar que nesse tempo de perda de vidas, de sonhos e de planos estejamos advertidos da existência da pulsão de morte (agressividade), no entanto escutar a experiência pode nos levar mais além... a despertar para o cuidado conosco e com o outro, a exercer a pulsão de vida (*Eros*) que agrega e faz laços na pólis.

A comunidade universitária conta com os espaços de acolhimento psicológico, mas também com outros espaços, como esse das narrativas orais, onde a palavra pode circular e fazer decantar a experiência dessa vivência do Real traumático.

Diante do susto, do traumático, do sofrimento... a possibilidade de colocar algo da experiência em palavras traz, junto com a psicanálise e a arte, um antídoto para não adoecer subjetivamente.

Diz-me poeta o que fazes? – Eu canto.
Porém, a morte e todo o desencanto,
Como os suportas e aceitas? – Eu canto.
O inominado e o anônimo, no entanto,
Como os consegues nomear? – Eu canto.
Que direito te faz, em qualquer canto,
Máscara ou veste, ser veraz? – Eu canto.
Como o silêncio dos astros e o espanto
dos raios te conhecem? – Porque Eu canto.

(Rainer Maria Rilke – “Diz-me, poeta...”, 1921 –
RILKE, 2013, p. 346)

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. O lugar da História Oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. *In*: ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura. *In*: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. I.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 15 abr. 2020.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura e outros escritos** – cultura, sociedade, religião, obras incompletas de Sigmund Freud. Organização, apresentação e notas de Gilson Iannini e Pedro Heliodoro Tavares. São Paulo: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

QUINET, Antonio. **A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

RILKE, Rainer Maria. Diz-me, poeta... *In*: CAMPOS, Augusto de (org.). **Coisas e anjos de Rilke**. Tradução de Augusto de Campos. São Paulo: Perspectiva, 2013. p. 346.

SCHMIDT, Beatriz *et al.* Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (covid-19). **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, p. e200063, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Construção de sentidos e significados de estudantes de graduação da Univille durante a pandemia de coronavírus

Silvia Simão de Matos¹
Hemerson Eckermann Silva²

Em uma reflexão sobre as narrativas de estudantes durante a pandemia do coronavírus é impossível não nos perguntarmos: como estamos construindo nosso repertório e nossa individualidade? Ana Bock (1997), doutora em Psicologia Social, afirma que o homem produz sua sobrevivência com outros homens. Em tempos tão complexos de interações sociais interrompidas, como as crianças e os jovens construíram sua sociabilidade em meio a um distanciamento não desejado? Quais serão os reflexos futuros para essa geração tão assustada e insegura com o amanhã?

A pandemia mexeu com a vida de todos os habitantes do planeta Terra, uns mais, outros menos. Quando anunciado que ela estava instalada no mundo e o início da quarentena foi determinado no Brasil, muitos acreditavam que esta duraria apenas alguns dias e que logo tudo voltaria à dita normalidade, contudo os dias foram passando e a definição do termo “normal” foi se transformando.

Um dia a dia típico passou a consistir em ficar trancado em casa, uns sozinhos, outros com seus animais de estimação, e outros, ainda, acompanhados de familiares que passaram de uma convivência diária mínima e suportável para uma convivência integral e, em alguns casos, nem tão suportável assim. O enfrentamento de insatisfações pessoais, de descontentamentos e de diferenças de opinião foi inevitável. A negação das dificuldades de relacionamento e a falta de autoconhecimento e de reconhecimento do outro como parte de sua própria construção foram forçadamente dando espaço à construção de um sentido pessoal de vivências no mundo (BOCK, 1997).

¹ Psicóloga, coordenadora da Central de Relacionamento com o Estudante da Univille.

² Psicólogo da Central de Relacionamento com o Estudante da Univille.

Os dias foram passando e as notícias não se tornavam nem um pouco animadoras. O número de contaminados continuava crescendo, e a quantidade de mortes diárias, ficando cada vez mais assustadora. Nesse cenário, o medo, a angústia e a ansiedade ganharam força e tornaram-se emoções predominantes. O Ministério da Saúde do Brasil realizou uma pesquisa no ano de 2020 e apontou aumento de 16,6% no consumo de álcool, de 15,79% no uso de medicamentos antidepressivos e de 22,66% no uso de ansiolíticos (BRASIL, 2020). Tais fatos apenas comprovam o que estamos vivenciando no atendimento e no acompanhamento de estudantes da Univille desde o início da pandemia.

Nossa percepção é que, diferentemente de outros momentos, as vivências diárias nos modificam, nos constroem como seres humanos e nos tornam pessoas diferentes; uns encaram isso como oportunidades de aprendizado, outros podem desenvolver dificuldades socioemocionais por não estarem aptos a olhar para a realidade e ressignificar as situações que se apresentam. Com isso também podemos observar os sentimentos de negação, a decepção, a consciência da falta de controle e a vulnerabilidade do ser humano diante de um agressor microscópico que parece surgir da noite para o dia com o objetivo de dizimar a humanidade. Os filmes de ficção científica parecem se materializar e as cidades são tomadas por uma energia de pânico e desespero.

A relação do sentido com a realidade, somada ao nosso repertório individual e constituído ao longo das experiências vividas, passa a construir outras significações e outras percepções. “Os sentidos subjetivos não são jogos de linguagem” (REY, 2005, p. 129 *apud* MATOS; HOBOLD, 2015, p. 300), mas são “constituídos ao longo da vida de cada indivíduo, por meio das experiências, das motivações, das emoções e dos sentimentos vivenciados” (MATOS; HOBOLD, 2015, p. 300). A pandemia pode estar posta como igual para todos, independentemente de credo, religião ou classe social, mas a significação é sempre única, e a história é constituída por esse conjunto de percepções elaboradas com base em vivências de fatos e de acontecimentos.

Mas onde fica a elaboração do que nos faz humanos, do desenvolvimento da consciência por meio das relações sociais, históricas e culturais? Como fica a constituição da percepção de mundo de crianças e jovens isolados em pequenos nichos?

Novos hábitos foram criados. A capacidade e a força de resiliência e adaptação do indivíduo fizeram com que rapidamente fossem descobertas formas inovadoras de comunicação, interação e relacionamento. As trocas interpessoais ganharam novos significados. Para uns fortaleceu a necessidade do distanciamento, pois o medo do vírus desencadeou síndromes ocultas até então; para outros ficou clara a necessidade de estar com outras pessoas, de dar e receber um abraço fraterno, do acolhimento e da força que vem do outro.

De repente nos vemos tão próximos da tecnologia e ela passa a ser a melhor amiga e a maior vilã. Enquanto algumas pessoas identificam a tecnologia como uma ferramenta de aproximação e interação, como forma de manter a construção das relações sociais, outras lhe atribuem um significado duro, frio e de isolamento. Não existe certo ou errado. Existe o indivíduo e sua construção simbólica, particular e elaborada minuto a minuto com base em sua história de vida.

O desemprego, a perda de entes da família e de amigos próximos, o confinamento, a falta de despedida e de viver o luto potencializaram a eclosão de problemas psicoemocionais e de transtornos mentais. Fatores como esses também foram identificados no atendimento aos estudantes da Univille.

“A linguagem e o pensamento se expressam a partir do estado emocional de quem fala e pensa” (REY, 2005, p. 236 *apud* MATOS; HOBOLD, 2015, p. 300). No contexto de escuta dos estudantes, vem à mente a construção de subjetividades desses jovens no momento de pandemia. O sentimento de solidariedade às adversidades vivenciadas pelos acadêmicos é um guia para cada novo atendimento, em que testemunhamos as dificuldades com questões emocionais, sociais e laborais. São pessoas que acreditam controlar a própria vida e que, em meio ao desconhecido, se sentem perdidas, desprotegidas e soltas ao acaso do tempo e do espaço; que não assimilam novos conhecimentos porque na mesa do café da manhã não tem nem café nem pão, pois o trabalho que as sustentava foi suprimido da sua vida sem nem sequer lhe sinalizar as dificuldades que viriam. São estudantes que não tiveram experiência com o mercado de trabalho e foram empurrados para a vida adulta laboral por necessidade financeira de subsistência da família, sem nenhuma orientação, em meio à escuridão que a pandemia trouxe. Nesse cenário atípico a subjetividade foi sendo constituída e cada um foi elaborando sentido para suas vivências pessoais e sociais.

E, como estamos falando do universo acadêmico, cabe a reflexão quanto ao processo de ensino e de aprendizagem, que da noite para o dia deixou de ser “olho no olho” para se tornar “olho na tela”. A aprendizagem é um processo constituído “pelo professor, pelo aluno, pelo conteúdo e pelas variáveis ambientais (características da escola)” (MATOS; HOBOLD, 2015, p. 302). Mas como fica a construção de experiências, de sentidos e de significados diante do distanciamento social, da virtualização das aulas e das inúmeras restrições impostas pelo novo momento? A formação de um estudante do ensino superior extrapola, e muito, os conteúdos teóricos ministrados por professores no processo de ensino e de aprendizagem na sala de aula, seja ela virtual ou física. Os relacionamentos, as interações sociais, as conversas na cantina, a troca de ideias com estudantes de séries diferentes, o bate-papo informal entre

professores e acadêmicos, tudo isso faz parte da elaboração de sentidos na história de cada um; e tudo isso foi subtraído sem autorização, transformando abruptamente a relação social, histórica e cultural de cada acadêmico. O lugar de encontros passa a ser o virtual, e a capacidade de resiliência de cada um é colocada em evidência.

Observa-se que para muitos estudantes as inseguranças e as mudanças abruptas da pandemia se transformaram em gatilhos que evidenciaram emoções não resolvidas internamente. Quando tais emoções afloram e para elas é preciso olhar, alguns buscam recursos de resiliência e seguem em frente; outros não acessam recursos internos e precisam procurar profissionais que possam apoiá-los em uma resignificação.

A Univille, por meio da Central de Relacionamento com o Estudante (CRE), que já disponibilizava apoio psicológico aos acadêmicos, intensificou a divulgação desse serviço, fazendo a diferença para muitos. Os sentimentos mais prementes nos estudantes atendidos foram ansiedade, depressão, tristeza, angústia, falta de perspectiva, insegurança e sensação de vazio. Para muitos nada mais fazia sentido, pois um vírus poderia modificar tudo a qualquer momento. Planos de médio e longo prazo ficaram imprevisíveis, e o futuro foi encurtado a notas oficiais a cada 15 dias. Foi ponto comum nos atendimentos o medo dos estudantes de se contaminar ou de ter seus parentes contaminados. O medo da morte foi intenso, assim como os pensamentos negativos de que esse momento se estenderia por prazo indeterminado. Tudo isso somado à angústia pelo desenvolvimento de uma vacina eficaz resultou em desequilíbrio psicoemocional.

A reconstrução da vida de muitos acadêmicos está acontecendo de maneira lenta e dolorosa enquanto eles se recuperam das ruínas da destruição, pois muitos tiveram pai, mãe, avós, primos e amigos que morreram em decorrência da covid-19. São sonhos e projetos interrompidos concomitantes à construção de novos aprendizados na gratidão e na valorização do que se tem hoje, da saúde, da presença de pessoas queridas, do abraço, da presencialidade do olhar e do afeto.

O medo do desconhecido, da falta de previsibilidade, do futuro, da quebra daquilo que parecia estar posto e definido, a ruptura de uma rotina que se acreditava ser “normal”, estável, e que se apresentava como uma falsa sensação de controle dos acontecimentos, isso tudo foi abruptamente derrubado e o que foi posto a cada um é o fato que, mesmo óbvio, não queríamos ver: não temos controle sobre o amanhã. O passado já aconteceu e o futuro realmente não nos pertence. É do presente, construído a cada ação e interação, que podemos dar conta. O enfrentamento dessa verdade evidenciou o quanto precisamos nos concentrar no aqui e no agora, na afetividade e no amor, e dar valor ao que realmente importa. Essa reflexão compulsória imposta pela pandemia tornou-se, em verdade, uma atitude transformadora da vida.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia. Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 17, n. 2, p. 37-42, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000200006>. Acesso em: 18 mar. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasileiros buscaram suporte profissional durante a pandemia**. 14 dez. 2020. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/noticia/10658>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MATOS, Silvia Simão de; HOBOLD, Márcia de Souza. Constituição de sentidos subjetivos do processo ensino e aprendizagem no ensino superior. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 299-307, maio/ago. 2015.



Pensando o “novo normal”: uma análise por meio da História Oral

*Luana Hellmann¹
João Lucas Ferreira¹*

INTRODUÇÃO

No início do ano de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) noticiou a identificação de um vírus letal que logo ficaria conhecido como coronavírus (covid-19). Também de forma rápida a OMS definiu o surto como uma pandemia (OMS, 2020).

Segundo Tedros Adhanom (2020 *apud* SCHUELER, 2020), diretor-geral da OMS, a organização considerou a covid-19 como uma pandemia por causa da “disseminação em uma escala de tempo muito curta”, que preocupava pelos “níveis alarmantes de contaminação”.

Em 26 de fevereiro de 2020, o Brasil confirmou o primeiro caso na capital paulista, declarando transmissão comunitária em 20 de março, o que deflagrou decisões políticas sobre as relações sociais (*lockdown*) (MENESES, 2020). Em 7 de fevereiro de 2020 foi sancionada no Brasil, com aprovação do Congresso, a lei que permitiu aos governos impor isolamento social aos cidadãos em razão da situação de emergência, tendo a primeira notificação de morte pela covid-19 sido registrada no dia 26 de fevereiro de 2020 (COVID-19..., 2020).

Em Santa Catarina foi publicado no dia 12 de março de 2020 o Decreto n.º 506, visando a medidas que poderiam ser adotadas: isolamento social, definido como “separação de pessoas doentes ou contaminadas, bens contaminados, transportes e bagagens, em âmbito intermunicipal, mercadorias e outros”, e quarentena, entendida como a “restrição de atividades ou separação de pessoas suspeitas de contaminação das demais que não estejam doentes, ou de bagagens, contêineres, animais e meios de transporte” (SANTA CATARINA, 2020). Em 17 de março foi decretado, pelo governador Carlos Moisés, “estado de emergência” em Santa Catarina (GOVERNO DE SANTA CATARINA, 2020).

¹ Estudantes do 3.º ano do curso de História da Univille em 2020.

Em Joinville, a cidade mais populosa do estado, com 597.658 habitantes, e a terceira da Região Sul do Brasil (IBGE, 2020), o primeiro caso foi registrado em 17 de março – mesmo dia do Decreto Estadual n.º 515, que declarava estado de emergência –, e até o dia 26 de novembro de 2020 havia 27.513 casos confirmados e 381 mortes contabilizadas, segundo dados do *site* oficial da Prefeitura de Joinville (2020).

Em relação à Universidade da Região de Joinville (Univille), a suspensão das aulas presenciais, bem como de todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão presenciais, deu-se em 16 de março de 2020 por decisão administrativa. Em 25 de março de 2020 o Conselho Universitário, pela Resolução n.º 03/20 (UNIVILLE, 2020), seguindo todas as regulamentações governamentais, decidiu pela virtualização das atividades relacionadas ao ensino presencial, valendo-se da utilização das tecnologias de comunicação e informação disponíveis nos ambientes virtuais institucionais. Por ato administrativo, também se optou pelo trabalho administrativo em *home office*.

A pesquisa “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)” surgiu desse contexto e teve por objetivo produzir uma coleção de entrevistas orais com docentes, pessoal administrativo e estudantes (assim como seus familiares) da Univille sobre as experiências sociais relacionadas à pandemia. O trabalho constituiu também uma oportunidade de os estudantes do 1.º, 2.º e 3.º ano do curso de licenciatura em História exercitarem a pesquisa acadêmica utilizando a metodologia da História Oral, contando com a orientação dos docentes do curso.

Neste artigo buscamos refletir, por meio de uma análise crítica, sobre o modo como a pandemia impactou nossos cotidianos e as interações com os espaços urbanos. O artigo está organizado em três seções: a primeira aborda a História Oral, no que consiste a trajetória dessa metodologia e seu potencial como ferramenta de escuta; a segunda dedica-se ao impacto da pandemia na vida cotidiana; e a parte final discute sobre as formas como interagimos com o espaço urbano, tendo como ponto de partida a entrevista realizada em agosto de 2020 com o professor Naum Alves de Santana.

HISTÓRIA ORAL

De acordo com o Estatuto Social da Associação Brasileira de História Oral, entende-se por História Oral “trabalhos de pesquisa que utilizem fontes orais em diferentes áreas de conhecimento nas quais essa metodologia

é utilizada” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA ORAL *apud* COELHO; DE SOUZA, 2020). Surgida na segunda metade do século XX, a História Oral “buscou resgatar, como forma de justificação, de legitimação do método, ou ainda, de valorização de seus pressupostos, uma trajetória fundada numa larga tradição oral” (SILVA, 2002, p. 30), tendo se expandido ao longo das décadas de 1960 e 1970, favorecida por uma postura militante (SILVA, 2002, p. 31).

A entrevista oral traz com ela uma “vivacidade” na medida em que, ao narrar a experiência dos sujeitos, o objeto de estudo “ganha vida”, passando a ilusão de que podemos “reviver” o passado por meio da experiência do entrevistado, porém o que as entrevistas nos revelam são “pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito” (ALBERTI, 2004, p. 14-15).

O exercício da hermenêutica, da interpretação, é necessário para compreender o que se expressa nas vivências narradas.

[...] A vivência concreta, histórica e viva é o próprio ato, não algo de que estejamos conscientes – ela deixa de ser vivência quando observada, porque a observação atrapalha o fluir da vida (ao tomar consciência, fixamos o momento e o que era contínuo se torna estático). Essa menor unidade é um dos termos da fórmula que, segundo Dilthey, torna acessíveis os objetos das ciências humanas: vivência-expressão-compreensão. As produções humanas exprimem a vivência e cabe ao hermeneuta compreender essas expressões, de tal forma que a compreensão seja o mesmo que tornar a vivenciar. “Compreender”, diz Dilthey, “é reencontrar o eu no tu” (ALBERTI, 2004, p. 18).

Conforme a antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz (2020), os maiores conhecimentos vêm da escuta, de saber ouvir. Citando o conceito de alteridade de Rousseau, ela afirma que a escuta do outro é importante não só para entender esse outro, mas que por meio dela nós também somos afetados, alterados. Nesse sentido, podemos colocar a História Oral como uma metodologia de estudo que nos permitiu, em meio à pandemia, não apenas criar registros sobre a covid-19, mas também praticarmos o exercício da escuta do outro.

Aos autores deste artigo coube, dentro do projeto, entrevistar o professor Naum Alves de Santana, que compartilhou sua história de vida e discutiu conosco suas experiências em tempos de pandemia e seus posicionamentos em relação às alterações que ela tem causado na forma como os urbanistas pensam o espaço público.

IMPACTOS DA PANDEMIA NO COTIDIANO

Nascido em Joinville, Naum Alves de Santana, 62 anos, é geógrafo de formação, doutor em Desenvolvimento Regional e Urbano pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor do curso de Arquitetura e Urbanismo na Univille. Ao ser questionado se lembrava já ter vivido algo parecido com a pandemia atual, o professor afirma nunca ter tido uma experiência nessa escala, mas relembra as campanhas de vacinação contra sarampo, paralisia infantil e varíola que vivenciou quando era criança, estudante do ensino fundamental.

[...] [no que se refere às campanhas de vacinação] *pelo nível de comunicação, de informação sobre os riscos da doença, houve como um certo pânico e uma reação contrária à vacina. Isso foi uma coisa que também, hoje, a gente verifica, uma negação do problema; então, isso foi uma coisa meio que próxima da situação atual. Não houve isolamento, mas houve, assim, um... não vou dizer um pânico, mas uma pressão psicológica como a gente tem agora com relação a essa velocidade de infecção de hoje com a covid* (SANTANA, 2020).

Além disso, o professor recorda, também, o pânico dos anos 1980 com o advento da Aids:

Me lembrei agora... que talvez, assim, o pânico maior... a questão do medo, esse medo social mais forte, foi ali nos anos 80 com o advento do HIV, a Aids. A disseminação, os riscos, essa coisa assim que se aproxima, um pouco, desse medo social (SANTANA, 2020).

Em relação às suas vivências nesse momento e às dificuldades que vem enfrentado no cotidiano, Naum diz que sua principal dificuldade vem sendo o distanciamento social e o que se desenrola por meio dele. Definindo-se como “um ser social”, há mais de 30 anos em sala de aula e sempre trabalhando com equipes grandes, permanecer praticamente retido em casa trouxe alterações significativas em seu dia a dia e na rotina do lar, onde mora com sua esposa e duas filhas:

[...] *Eu estou aqui há cinco meses praticamente retido em casa por conta de... não problema pessoal meu, mas o meu problema hoje, agora, recentemente, é a questão da idade. Eu atingi a faixa dos 60 anos, mas a gente tem membros na família com comorbidades, então temos que cuidar um pouco dessa situação, [...] acabamos ficando retidos em casa, com o nosso convívio social limitado ao nosso grupo familiar. Então, isso para mim é bastante complicado, tem sido o mais difícil do momento [...]* (SANTANA, 2020).

Mas também retira um ponto positivo das alterações na rotina: “*Eu estou lendo mais, eu estou ouvindo mais, eu estou desenvolvendo um senso crítico mais intenso*” (SANTANA, 2020). De acordo com o professor, a pandemia também impactou seus planejamentos de aulas, uma vez que as circunstâncias exigem maior tempo de estudo e preparação delas:

[...] Coisa que eu fazia em duas ou três horas eu tinha uma revisão do conteúdo que ia trabalhar na semana. Hoje eu tenho gastado aí dois ou três dias. Eu dou aula de segunda a quinta, eu gasto três dias por semana, às vezes quatro, para preparar conteúdo para uma semana. Então aí me forço a ler mais e me forço a buscar materiais diferentes para poder mudar a estratégia. Então nesse aspecto está sendo interessante entrar em contato com esse mundo tecnológico [...] (SANTANA, 2020).

Com as experiências que vem vivenciando em tempos de pandemia, o entrevistado também afirma estar revendo algumas das suas concepções acerca do espaço público:

Eu sou um ser urbano, sou geógrafo e sempre trabalhei com geografia urbana. Então a minha vida foi percorrer a cidade, fazer leituras do espaço, do território, indo ao território. Eu sempre fui de vivenciar o território. Esse isolamento social me causa, hoje, eu vou te dizer assim... uma certa estranheza, eu circular pela cidade, eu me sinto um estranho circulando pela cidade. Primeiro pela dificuldade que tenho de ir aos lugares (nos mais diferentes lugares), segundo pela falta de gente nos lugares em alguns momentos, principalmente nos períodos mais iniciais do isolamento social. Agora já nem tanto, e, assim, posso dizer que agora estou mais atento a alguns processos que acontecem na cidade, que eu ainda não consegui fazer uma leitura completa, mas alguns fragmentos da estruturação da vida urbana têm me chamado a atenção. Estou começando a observar mudanças também na vida, principalmente ao que diz respeito ao compartilhamento dos espaços públicos (SANTANA, 2020).

Ele também acredita que a pandemia deve alterar a forma como os geógrafos e os urbanistas pensam o espaço urbano (público e privado):

A gente que trabalha com o desenho da cidade (na Arquitetura, na Geografia), para nós que vínhamos sempre trabalhando com o discurso de que o espaço público é o espaço do inter-relacionamento, da interação social, nossa, o espaço público, agora, é o espaço do medo. [...] Então, essas questões todas, agora, para nós, nós vamos ter que rever. Nós, urbanistas, né?! Vamos ter que rever o que é essa vida urbana, o que é essa vida, agora, pós-pandemia. Então essa coisa “Ah, espero que a vida volte ao normal...” Epá! Tem algumas coisas que eu não quero que voltem ao normal! (SANTANA, 2020).

REFLEXÕES SOBRE O ESPAÇO URBANO

A entrevista com o professor traz um processo de reflexão. Naum explica-nos que os espaços urbanos para os urbanistas costumam ser pensados como locais de interações sociais, de encontro entre os diferentes e de construção de relações interpessoais, mas também como um espaço de medo, pois perpassa nossas fobias baseadas na concepção que temos sobre o que é diferente. O racismo estrutural, as questões de gênero e as classes sociais também afetam o modo como se pensa o espaço urbano e de que maneira os indivíduos que transitam por ele se relacionam com esse ambiente e entre si.

A pandemia apresentou-nos um cenário em que, para além das relações de alteridade, o espaço público também é tido como um local de perigo de contaminação por um vírus, o que intensifica as relações de medo em tais ambientes. Dessa forma, discutir e pensar as cidades num contexto pós-pandemia vai além das técnicas arquitetônicas e perpassa tensões e problemáticas sociais e políticas que precisam ser enfrentadas.

Eu não quero que seja aquela cidade que vivemos antes! Se é para mudar, então vamos “chutar o balde” e vamos mudar o que tem que ser mudado, mas estou vendo que a gente deu uma guinada para trás, aliás, quando ainda tinha a campanha eleitoral para presidência da República eu já dizia... aliás, quando o presidente foi eleito eu já disse lá atrás: “sejam todos bem-vindos ao século XIII”, né?! “Voltamos à idade das trevas” e é isso exatamente que eu não quero! (SANTANA, 2020).

Jorge Larrosa Bondía (2002), em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, diz que a experiência é o que nos acontece, e o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. O autor ainda completa:

Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um

estilo). Por isso, também o saber da experiência não pode beneficiar-se de qualquer alforria, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (BONDÍA, 2002, p. 27).

Quando buscarmos refletir sobre os impactos das experiências vividas na pandemia, é preciso termos em mente esse pensamento de Bondía. Apesar de a pandemia ser um acontecimento comum a todos, cada sujeito lida com ela de forma única. Nesse sentido, as experiências relatadas na entrevista são, em diversos contextos, muito semelhantes àquelas que vivemos em nossas próprias realidades, ainda que elas sejam diferentes para cada indivíduo. Nunca passamos por algo parecido, e as formas de análise sobre esse evento são (e continuarão sendo) diversas, perpassando inúmeras formas de subjetivação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que a pandemia de covid-19 nos pegou a todos de surpresa, mas as formas como a vivemos e a significamos partem da individualidade de cada um. Passamos por experiências muitas vezes dolorosas que impactam a cada um de nós. Vivemos e continuamos vivendo uma situação pandêmica, uma vez que a população brasileira ainda não se encontra majoritariamente imunizada e as medidas preventivas precisam ser mantidas. É necessário reconhecer que várias informações disponíveis atualmente são preliminares e carecem de muito estudo sobre os impactos da covid-19, tanto em termos biológicos quanto sociais.

Porém o que aprendemos até o momento nos desafia a refletir sobre a sociedade em que vivemos e a questionar acerca das mudanças que queremos para o “novo normal”. Como o professor Naum (SANTANA, 2020) coloca em sua entrevista: *“Epa! Tem coisas que eu não quero que voltem ao normal”*. Nesse sentido, ao imaginar projetos de futuro para o “novo normal”, precisamos também encarar os problemas sociais e políticos que já existiam antes da pandemia e que em muitas situações se agravaram com ela, a exemplo das nossas relações com os espaços urbanos e de como estas também são perpassadas por um sentimento de medo, em que o espaço público, além de palco para as relações de alteridade, é também um local de perigo de contaminação por um vírus.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. O lugar da História Oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. *In*: ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 19-28, jan.-abr. 2002.

COELHO, Ilanil; DE SOUZA, Sirlei. **Oficina História Oral Atividades de Extensão**. Jun. 2020. Apresentação de PowerPoint.

COVID-19: o mapa que mostra o alcance mundial da doença. **BBC News Brasil**, 3 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51718755>. Acesso em: 9 set. 2022.

GOVERNO DE SANTA CATARINA. Coronavírus em SC: saúde esclarece forma de isolamento social adotada em SC. **Rádio SECOM**. 2020. Disponível em: <https://www.sc.gov.br/noticias/radio/coronavirus-em-sc-saude-esclarece-forma-de-isolamento-social-adotada-em-sc>. Acesso em: 16 jun. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Joinville**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/joinville.html>. Acesso em: 30 nov. 2020.

MENESES, Abel Silva de. História natural da covid-19 e suas relações terapêuticas. **SciELO Preprints**, p. 2, 2020.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19**. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PREFEITURA DE JOINVILLE. **Dados casos covid-19 em Joinville**. 18 mar. 2020. Disponível em: <https://www.joinville.sc.gov.br/publicacoes/dados-casos-coronavirus-municipio-de-joinville/>. Acesso em: 27 nov. 2020.

SANTA CATARINA. **Decreto n. 506, de 12 de março de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus e estabelece outras providências. Governo do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/sc/decreto-n-506-2020-santa-catarina-dispoe-sobreas-medidas-para-enfrentamento-da-emergencia-de-saude-publica-deimportancia-internacional-decorrente-do-coronavirus-e-estabelece-outrasprovidencias>. Acesso em: 8 jun. 2020.

SANTANA, Naum Alves de. **Naum Alves de Santana**: entrevista oral [21 ago. 2020, Joinville]. Entrevista concedida a João Lucas Ferreira e Luana Hellmann, para o projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2020.

SCHUELER, Paulo. **O que é uma pandemia**. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Rio de Janeiro, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>. Acesso em: 30 nov. 2020

SCHWARCZ, Lilia. Lições da História. [Entrevista concedida ao] Programa O Mundo Pós-Pandemia. **CNN Brasil**, 2020. 86 min. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/07/04/o-seculo-21-comeca-nesta-pandemia-analisa-a-historiadora-lilia-schwarz>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SILVA, Haike R. K. da. Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia. **MÉTIS: História & Cultura**, v. 1, n. 1, p. 25-38, jan.-jun. 2002.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Novo coronavírus (covid-19)**. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22340d-Doc Cientifico_-_Novo_coronavirus.pdf. Acesso em: 26 nov. 2020.

UNIVILLE – UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE. **Resolução n.º 03/20**. Joinville, 2020. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/conselhos/VirtualDisk.html/downloadDirect/1790979/Res_ConsUn_03-20.pdf. Acesso em: 9 set. 2022.



Docência e invasão do virtual: estudo com base numa entrevista oral sobre o isolamento social causado pela pandemia de covid-19

Lucas de Souza Borba¹

Vinícius José Mira¹

INTRODUÇÃO

Este artigo é um desdobramento do projeto de pesquisa intitulado “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”, conduzido pelas professoras doutoras Ilanil Coelho e Sirlei de Souza. O projeto almeja refletir e dialogar sobre as angústias que o isolamento social, produto da pandemia do coronavírus (covid-19), causou, além das estratégias para vencer as limitações impostas por ela.

No transcurso do projeto, os estudantes do 3.º ano do curso de História foram encarregados da produção de fontes orais (entrevistas) com base na metodologia da História Oral, com docentes da Univille, a fim de realizar discussões acerca das suas realidades e reflexões sobre o período da pandemia de covid-19. Aqui trataremos de uma dessas entrevistas, um depoimento concedido aos autores pela professora Sandra Luft Paladino, do curso de Enfermagem.

Metodologicamente, o texto é um desdobramento analítico da referida entrevista, auxiliada pelos referenciais teórico-metodológicos do campo da História Oral. Nessa direção, apresentamos como problemas a serem respondidos no decorrer do texto as seguintes questões: de que maneira o isolamento social restringiu as dinâmicas de sociabilidade e vivência cotidiana? De que forma o isolamento social foi sentido e vivenciado? Quais as principais mudanças visíveis no tempo presente, em função da pandemia?

Posto isso, o artigo encontra-se dividido em três partes. Na primeira, refletimos a respeito da metodologia da História Oral, suas possibilidades e

¹ Estudantes do 3.º ano do curso de História da Univille em 2020.

o conjunto teórico que ela nos fornece. Na segunda, trouxemos à tona alguns dos elementos principais em relação ao coronavírus e de que maneira ele impôs restrição à vida e à sociabilidade cotidianas. Por fim, promovemos reflexões por meio da análise do depoimento concedido pela professora Sandra Luft Paladino.

A HISTÓRIA ORAL EM PERSPECTIVA

Segundo a Associação Americana de História Oral, a História Oral, enquanto técnica de documentação histórica, teve início em 1948, quando o historiador Allan Nevins, da Universidade de Colúmbia, começou a registrar memórias de figuras notórias da política e da sociedade civil americana (*in* THOMSON, 2000, p. 47). A partir da década de 1950 essa metodologia se desenvolveu de maneira significativa na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, tendo se estabelecido no meio acadêmico e nos movimentos sociais (FERREIRA, 1998).

A metodologia chegou ao Brasil no decorrer da década de 1970, por intermédio do Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, o qual passou a registrar relatos orais de membros da elite política e econômica do país (SANTHIAGO, 2008). A História Oral teve um *boom* a partir da década de 1990 no Brasil, especialmente em função das mudanças ocorridas no meio político e acadêmico em território nacional.

Sobre a metodologia da História Oral, utilizamos os conceitos de resíduo de ação (evidências de um evento histórico) e relato de ação (o ato de narrar tal evento), propostos por Hüttenberger (1992) e explorados por Alberti (1996), partindo da ideia de que as fontes orais podem encaixar-se em ambas as categorias não por apenas recontarem eventos, mas também porque o ato de lembrar, por si só, implica a construção de uma memória, sendo esta o vestígio de um acontecimento histórico.

Além disso, apoiando-se nas ideias de Pollak (1992), Alberti (1996) apresenta-nos outra reflexão pertinente, ao lembrar que o momento de o entrevistado narrar sua história não ocorre naturalmente para ele, este é instigado pelo(s) entrevistador(es) a fazê-lo. Tal incentivo ocorre com um viés em mente, uma razão ou propósito para o qual a fonte oral será produzida, e, dessa maneira, conduzindo a narrativa para um determinado rumo ou temática o resultado trará uma fonte com maior enfoque em determinados pontos.

Ademais, Thomson (2000) ressalta que muitos dos pontos utilizados para desqualificar a História Oral enquanto metodologia científica passaram a ser

vistos como recursos adicionais para o pesquisador. Ou seja, as subjetividades do entrevistado, os esquecimentos e as distorções da narrativa começaram a ser empregados como fontes adicionais para o transcurso de uma pesquisa. Dessa forma, entendemos que a grande relevância da História Oral não está no que foi vivido em si, mas de que maneira foi vivido.

Em outras palavras, a metodologia da História Oral oferece seu potencial não na dimensão do acontecimento como fato, mas sim no âmbito da experiência vivenciada por alguém. Afinal, apesar da consciência crítica exigida da operação historiográfica no lidar com fontes e do reconhecimento da inexistência de qualquer neutralidade nestas, sejam escritas ou orais, é a capacidade de explorar o subjetivo em narrativas que as torna objetos de estudo tão oportunos para o trabalho com visões pessoais da História. É essa dimensão da experiência que tentaremos trazer à tona na análise da fonte oral a seguir.

A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Acredita-se que a pandemia do coronavírus tenha tido início na cidade de Wuhan, na China, no final do ano de 2019, possivelmente relacionada com a ingestão de animais silvestres no comércio local da cidade. A covid-19 é causada por um vírus transmitido e contraído por vias respiratórias por meio do contato com pessoas e superfícies contaminadas, potencializada, especialmente, em situações de aglomeração.

Dessa maneira, a partir do momento em que a disseminação do vírus ganhou proporções globais, tendo sido até mesmo declarada pandemia em meados de março de 2020, inúmeras medidas de restrição foram impostas à população como meio de frear o contágio e reduzir o número de mortes e internações. Além disso, a difusão do vírus causou consequências imensuráveis no âmbito econômico, como desemprego e recessão, tendo em vista que a produção de bens, a comercialização de produtos e a prestação de serviços foram altamente impactadas pelas medidas impostas.

Sobre o impacto do coronavírus no decorrer da História, para Schwarcz (2020), é a pandemia que sinaliza o fim do século XX, pois trata-se de uma grande crise que coloca em questão verdades até então consolidadas, da mesma forma como Hobsbawm (1995) havia posicionado o fim do “longo” século XIX no início da Primeira Guerra Mundial.

No marco dessas perdas humanas, é inegável que a sociabilidade e a experiência social dos indivíduos foram altamente afetadas pela pandemia.

Nessa direção, analisaremos a entrevista oral produzida com uma professora da Univille, visando promover reflexões sobre a maneira como a pandemia constituiu uma nova forma de experienciar e vivenciar o cotidiano, ao passo que impunha diversas restrições sociais.

O CASO DA PROFA. SANDRA PALADINO

A entrevistada desta análise, Sandra Luft Paladino, é uma mulher de 31 anos, graduada em Enfermagem, atuando como professora do componente curricular Processo de Cuidar: Saúde da Mulher, Materno e Neonatal e da disciplina de Paciente Crítico no curso de Enfermagem da Univille. Além disso, leciona outras disciplinas no curso de Enfermagem da Fundação Pró-Rim, onde também coordena o curso técnico de Necrópsia e o curso pós-técnico de Enfermagem em Saúde do Trabalho.

No momento da repentina expansão no número de casos de covid-19 no cenário nacional, a professora Sandra vivenciava o processo da sua pesquisa de mestrado, realizando um projeto a respeito dos casos de sífilis congênita na cidade de Joinville. Para tal, contava com suporte técnico de análise laboratorial da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e da Universidade de São Paulo (USP).

Diante da interrupção não planejada da sua coleta de amostras e da impossibilidade de enviá-las para análise, por conta do fechamento da Ufal e do encerramento das atividades nos laboratórios da USP, não lhe restava opção senão aceitar a pausa no seu processo de mestrado por tempo indefinido, como nos conta:

Além de toda a questão de ter que finalizar o mestrado, de ter um prazo pra... pra qualificação de dissertação de mestrado, ainda tem essa questão de ser bolsista, e se eu prorrogo eu não tenho bolsa e tudo mais... Ahn, bate o desespero, então todas as expectativas, todo o planejamento, não serviu pra nada, foi por água abaixo. Foi literalmente por água abaixo (PALADINO, 2020).

A esse respeito, destacamos que, além do isolamento social em si, a pandemia ocasionou uma série de incertezas no que concerne ao processo de mestrado da entrevistada, tendo em vista os rigorosos prazos a serem cumpridos. Ademais, a realização de sua pesquisa denotava importância crucial para a saúde pública municipal, considerando que poderia gerar um grande benefício no combate ao avanço de uma doença que afeta gravemente recém-nascidos.

Além disso, no ofício de professora, Sandra teve de lidar com a apressada transferência de todas as suas aulas e atividades de coordenadora para o meio virtual e, conseqüentemente, para o seu ambiente doméstico. Acostumada a manter a vida privada e a profissional separadas, viu-se obrigada a ter contato com suas turmas por meio de redes sociais pessoais. Em relação a isso, Paladino (2020, p. 11) afirma: “*Eu jamais tinha contato com os alunos via WhatsApp porque senão final de semana eu não iria descansar. E hoje a minha principal ferramenta de comunicação com os alunos é o WhatsApp*”. Dessa forma, podemos pensar nesse cruzamento forçado e imposto de ambientes como uma invasão da profissão na vida pessoal. Em suma, a pandemia rompeu a fronteira entre vida profissional e privada.

A esse respeito, Schwarcz (2020) destaca que nem sempre “casa” é sinônimo de “lar”, tendo em vista que aquela significa um local de repouso e abrigo, enquanto este é um conceito criado pela burguesia em meados do século XX, que idealiza o espaço domiciliar, disfarça os conflitos inerentes e destaca o modelo de família tradicional. Em linhas gerais, o domicílio deixou de ser “lar” durante a pandemia do coronavírus para tornar-se apenas “casa”.

Ainda nessa direção, a quebra de limites entre os espaços causa uma sobrecarga nas atribuições profissionais, tendo em vista que, uma vez estando em casa e conectada à internet, a professora relata a sensação de que a carga de trabalho poderia ser aumentada, já que estar no ambiente doméstico, supostamente, significaria estar sempre disponível:

Então as pessoas estão explodindo com mais facilidade, estão respondendo de uma maneira mais ríspida e sentindo falta... e... se a gente já não dá conta das nossas atribuições a distância porque ninguém quer saber se você não... não tá agora... se você tá numa reunião. Abre outra sala e entra na outra reunião também. Você não tem desculpa, agora não é sinal de fumaça, agora é wi-fi, então acesse. Não tem desculpa (PALADINO, 2020).

Em relação ao isolamento social, seu estranhamento foi imediato. Crescida na zona rural, em Pinhalzinho (SC), Sandra acostumou-se a trabalhar desde a infância. Dessa forma, a ideia de um isolamento domiciliar contrastou imediatamente com tudo aquilo que havia vivenciado até então. Não estranhou a ausência física apenas na vida cotidiana, mas também na profissional, vendo-se afastada dos colegas de trabalho e amigos. Contudo, tratando-se do seu ambiente pessoal, ela faz a seguinte ponderação:

Eu aprendi a ter um contato muito mais diário com meu pai, com minha mãe, que estão distantes... é... eu fiquei muito mais com meu filho e eu percebi que às vezes não é a criança que faz a birra, mas sou eu que tô estafada de tarefas, de funções, e não consigo e não posso parar pra dar atenção pra ele (PÁLADINO, 2020).

Nesse “repensar a vida cotidiana”, Krenak (2020, p. 9) pontua que, “se voltarmos [à normalidade], é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro”. Assim, o processo de reaproximação (não fisicamente) entre entes queridos, até então adiado pelas obrigações corriqueiras do “velho normal”, deu-se, no caso de Sandra, ao (re)pensar e (re)aprender o contato com seus pais e com seu filho.

Movendo o foco dos efeitos da pandemia de uma escala pessoal para a social, Sandra observou como a atenção pública parece ter se voltado de repente para a importância dos aparatos de saúde e das equipes neles operantes e para o quão crucial é a atividade de pesquisa e desenvolvimento científico no combate ao avanço de contágios dessa natureza. Nesse sentido, o papel daquele que opera na universidade, enquanto membro de um centro de produção do conhecimento, “*é de ser um agente de transformação. É de ser um agente de informação*” (PALADINO, 2020).

No que diz respeito à resposta pública ao isolamento social, todavia, a entrevistada afirma que houve uma grande preocupação popular de início e uma cautela em relação ao contágio (o que ela observou como algo positivo), mas que estas foram seguidas de uma onda de descaso e subestimação dos perigos da doença por muitas pessoas. Com o eventual retorno às atividades presenciais no seu ramo profissional, viu-se em conflito com aquela necessidade de isolamento que acredita ser essencial, além de preocupada com o fato de que nem mesmo alguém da sua área consegue dar o exemplo a ser seguido.

Enfim, no quesito de perspectivas sobre a sociedade em um futuro pós-pandêmico, Sandra afirma:

Eu acredito, né, que isso que a gente tá vivenciando nesse momento da pandemia vai ficar, né. A gente já vinha numa era extremamente touch, né, tecnológica... de informações muito rápidas e... aquelas, como eu mencionei, não é questão pra amanhã, é questão pra ontem. Eu quero a resposta pra ontem, eu quero o relatório pra ontem, eu quero informação pra ontem. Acho que isso vai ficar, essa questão de comunicação por meios virtuais (PALADINO, 2020).

Essa visão de um amanhã, contudo, não é encarada necessariamente como positiva. Assim como seus colegas de docência, Sandra apresenta uma certa relutância em relação à permanência do ensino virtualizado quando o assunto é a área de Enfermagem, tendo por base a convicção de que se trata de um ambiente profissional no qual a experiência prática é crucial. Ao contar

sobre seus estágios com pacientes em ambientes hospitalares e seu contato com médicos atuantes, a professora fala com ares de certeza que foi essa experiência que solidificou sua decisão pelo campo da enfermagem. Porém espera que ao menos as reflexões positivas tiradas desse período de isolamento social possam guiar-nos a rumos melhores para o futuro, seja nas relações humanas ou no reconhecimento da importância da ciência e dos seus resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões presentes neste artigo visam problematizar como se deu o processo de isolamento social, produto da pandemia do coronavírus, além das estratégias para vencer as limitações impostas por ela. Para tal, partimos da análise da narrativa produzida pela entrevista com a professora Sandra Luft Paladino, graduada em Enfermagem e professora da área. Julgamos que seu depoimento é de relevância ímpar, uma vez que possui a perspectiva de uma profissional da área da saúde e, ao mesmo tempo, de uma docente.

Em linhas gerais, podemos afirmar que o isolamento social acabou rompendo as fronteiras entre a vida privada e a profissional, tendo em vista que se criou uma sensação de constante disponibilidade dos trabalhadores mesmo fora do seu expediente normal de trabalho, ideia essa que decorre do fato de estarem no ambiente doméstico e, portanto, terem acesso à internet, sendo esse o fator primordial no exercício de suas atividades.

Além disso, destacamos que a pandemia fez muitas pessoas repensar suas prioridades da vida cotidiana. Em muitas situações se desencadeou uma reaproximação entre entes queridos, amigos e conhecidos, algo que não era possível em função das obrigações corriqueiras do “velho normal”.

Por fim, esperamos que este artigo seja uma contribuição para pesquisas que lidem com os efeitos do isolamento social, da pandemia de coronavírus e da maneira como a restrição imposta foi vivenciada e sentida pelos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?** Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença.** 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 28 nov. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da História Oral nos anos 90: o caso do Brasil. **História Oral**, São Paulo, n. 1, p. 19-30, jun. 1998. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/516.pdf. Acesso em: 28 nov. 2020.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p.

HÜTTENBERGER, Peter. Überlegungen zur Theorie der Quelle. *In*: RUSINEK, Bernd-A.; ACKERMANN, Volker; ENGELBRECHT, Jörg (org.). **Einführung in die Interpretation historischer Quellen**. Schwerpunkt: Neuzeit, Ferdinand Schöningh, Paderborn, 1992.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Arquivo Kindle.

PALADINO, Sandra Luft. **Sandra Luft Paladino: entrevista oral** [15 set. 2020, Joinville]. Entrevista concedida a Lucas de Souza Borba e Vinícius José Mira, para o projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

SANTHIAGO, Ricardo. Da fonte oral à História Oral: debates sobre legitimidade. **Saeculum Revista de História**, v. 18, p. 33-46, jan.-jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11395>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Arquivo Kindle.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional de História Oral. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes *et al.* (org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 47-65. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/2k2mb>. Acesso em: 28 nov. 2020.

Entre o eu e o outro: dilemas sociais nas narrativas de uma professora universitária em tempos de covid-19

*Camila Melechenco¹
Moroni de Almeida Vidal²*

INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19, doença causada pelo coronavírus, chegou ao Brasil no final de fevereiro de 2020². Desde então, já foram registrados 482.135 óbitos associados à doença no país³ (BRASIL REGISTRA..., 2021), e no mundo a quantidade de mortos chega a 3.770.361, conforme dados reportados à Organização Mundial de Saúde⁴ (OMS) no dia 11 de junho de 2021, número esse que pode ser ainda maior, por causa da subnotificação de casos.

Esse contexto social, político, econômico e histórico sublinha diversos problemas contemporâneos que já estávamos vivendo, mas que, por conta da pandemia, foram potencializados. Pode-se associar isso ao que Noam Chomsky (2020) chamaria de “crise civilizacional”, um processo que está em curso há muitos anos, sobretudo nas sociedades ocidentais, e que já vinha promovendo um isolamento social “muito danoso” (CHOMSKY, 2020). Questões como essa já haviam sido socializadas em trabalhos como o de Jorge Larrosa Bondía, no qual ele pontua que “a cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Partindo da complexidade de tal contexto, este artigo busca socializar os resultados da produção e análise de uma entrevista oral⁵ realizada na disciplina

¹ Estudantes do 3.º ano do curso de História da Univille em 2020.

² Conforme o primeiro caso registrado pelo Ministério da Saúde do Brasil em 26 de fevereiro de 2020. Mais informações podem ser acessadas em: LINHA... (2020).

³ O número de óbitos diz respeito ao cálculo realizado pelo Consórcio de Veículos de Imprensa, atualizado no dia 10 de junho de 2021 (BRASIL REGISTRA..., 2021).

⁴ Dados a respeito da pandemia de covid-19 em nível mundial podem ser consultados no site oficial da OMS (<https://covid19.who.int/>). Acesso em: 11 jun. 2021.

⁵ A entrevista oral produzida e analisada neste artigo contou com o auxílio da acadêmica Rafaela Dagnoni, estudante do 4.º ano de licenciatura em História, na transcrição.

de Atividades de Extensão III, do curso de licenciatura em História. A produção da entrevista analisada vincula-se ao projeto de pesquisa “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)⁶”, liderado pelas professoras Sirlei de Souza e Ilanil Coelho. O projeto envolveu turmas do 1.º ao 3.º ano do curso de História da Univille na produção de entrevistas orais, utilizando a metodologia da História Oral e fundamentando-se nela para refletir acerca das sociabilidades durante esse momento de isolamento social potencializado, e teve também o intuito de registrar narrativas sobre o período.

Nesse sentido, o presente artigo é dividido em duas seções principais. Na primeira, reflete-se a respeito dos impactos da pandemia na atualidade e como tal contexto interfere na História. Na segunda, a entrevista produzida será contextualizada e analisada com base em teóricos da História Oral e outros estudiosos que refletiram sobre a pandemia de covid-19.

PANDEMIA DE COVID-19: DESPEDIDA DA UTOPIA DO SÉCULO XX?

Desde a década de 1980 vivenciamos nas sociedades ocidentais o período associado ao avanço e ao desenvolvimento do neoliberalismo, que propiciou a existência de uma “crise constante”, permanente. Essa crise demonstra a “normalidade da exceção”, na qual a crise não é mais algo excepcional, mas intencional; logo, não há a intenção de resolvê-la, já que legitima a concentração de riqueza e o boicote a medidas que busquem impedir o colapso ambiental (SANTOS, 2020).

Entretanto é importante reconhecer que a pandemia, apesar de não ser uma crise “claramente contraposta a uma situação de normalidade”, possui impactos nas experiências sociais (SANTOS, 2020, p. 5). Quanto a isso, é importante refletir que

o sentido literal da pandemia do coronavírus é o medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível. Mas o que ela exprime está muito além disso. Eis alguns dos sentidos que nela se exprimem. O invisível todo poderoso tanto pode ser o

⁶ Destaca-se que esse projeto de pesquisa foi aprovado no segundo semestre de 2020 pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Univille. Todas as entrevistas orais foram realizadas somente após o parecer favorável à realização do projeto.

infinitamente grande (o deus das religiões do livro) como o infinitamente pequeno (o vírus). Em tempos recentes, emergiu um outro ser invisível todo poderoso, nem grande nem pequeno porque disforme: os mercados. Tal como o vírus, é insidioso e imprevisível nas suas mutações, e, tal como deus (Santíssima Trindade, encarnações), é uno e múltiplo. Exprime-se no plural, mas é singular. Ao contrário de deus, os mercados são onipresentes neste mundo e não no mundo do além, e, ao contrário do vírus, é uma bênção para os poderosos e uma maldição para todos os outros (a esmagadora maioria dos humanos e a totalidade da vida não humana). Apesar de onipresentes, todos estes seres invisíveis têm espaços específicos de acolhimento: o vírus, nos corpos; deus, nos templos; os mercados, nas bolsas de valores. Fora desses espaços, o ser humano é um ente sem-abrigo transcendental (SANTOS, 2020, p. 10-11).

Nesse sentido, a pandemia desvela a fragilidade dos seres humanos, pois mesmo aqueles que detêm maior capital econômico e podem desfrutar de um certo sentimento de segurança tiveram-na “pulverizada”. Sobre esse aspecto, Ailton Krenak (2020), líder indígena e ambientalista, reflete que o vírus “está discriminando a humanidade”, pois

a natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a Covid-19 (KRENAK, 2020, p. 6-7).

O “mundo artificial” dos seres humanos das sociedades ocidentais, regidos pela tríade capitalismo, colonialismo e patriarcado, sobrevive, em grande parte, graças à constância da crise. A ressonância dessa tríade, em particular nos países do Sul Global⁷, “precede a quarentena” e a pandemia de covid-19 (SANTOS,

⁷ De acordo com Boaventura de Souza Santos (2020, p. 15): “o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual”.

2020). Contudo é necessário que se reflita a respeito das desigualdades e do estado de vulnerabilidade que foram potencializados durante esse período.

Segundo Boaventura de Souza Santos (2020, p. 15), “qualquer quarentena é sempre discriminatória”. Essa discriminação, além de transpassar o contexto dos países do Sul Global de maneira mais acentuada, atravessa outros grupos e classes sociais, como mulheres, profissionais da saúde, trabalhadores precários, informais, autônomos e de rua, entre outros grupos considerados minoritários. Nesse sentido, a quarentena, em nossa sociedade ocidental impactada pela tríade, constitui-se enquanto privilégio somente àqueles que não precisam “escolher” entre “morrer de vírus ou morrer de fome” (SANTOS, 2020, p. 17).

Além disso, ao redor do mundo, mas em particular no Brasil, é evidente o negacionismo a respeito da covid-19. Este possui um impacto no direcionamento de esforços para promover informações sobre a doença, o engajamento da população nas medidas de biossegurança e o investimento público na saúde coletiva, já que “uma doença só existe quando se concorda que ela existe” (SCHWARCZ, 2020, p. 14). É necessário considerar também que, “se nosso presidente insiste em dar contraexemplos e apoiar aglomerações, não há argumento que dê conta de se opor ao negacionismo de parte da população brasileira” (SCHWARCZ, 2020, p. 14).

Outra dimensão da pandemia que precisa ser analisada são os impactos causados por ela à compreensão da História Contemporânea, particularmente no transcurso do século XX para o XXI. Conforme Schwarcz (2020, p. 9), o historiador Eric Hobsbawm defendeu a ideia de que os séculos na História não acabam com o passar de 100 anos, mas sim quando “grandes crises colocam em questão verdades que já pareciam consolidadas”.

Partindo dessa premissa, a historiadora e antropóloga Lilia Schwarcz percebeu uma ruptura histórica no decorrer da pandemia ao longo do ano de 2020, pois, segundo ela, a “grande marca do século XX” foi a ideia de que a tecnologia “nos emanciparia e libertaria” das amarras “geográficas, corpóreas, temporais”, entretanto a pandemia pulverizou essa ideia e deixou escancarado o “nosso lado humano e vulnerável”, marcando assim “o final do século XX” (SCHWARCZ, 2020, p. 9).

Passaram-se cem anos desde que a gripe espanhola chegou ao Brasil, e as alternativas que temos hoje para combater a pandemia da covid-19 não são muito diferentes das usadas naquela época. As reações em 1918 foram muito semelhantes às de agora: havia poucas pessoas nas ruas, todas usando máscara, as igrejas ficaram fechadas, os teatros eram lavados com detergente, os bondes limpos com álcool. A humanidade ainda não inventou outra maneira de lidar com a pandemia a não ser aguardar o

remédio ou a vacina. Nossa prepotência é um pouco esta: achar que somos uma sociedade muito racional, que se pauta pela tecnologia, quando na verdade estamos sempre esperando por um milagre atrás do último arco-íris (SCHWARCZ, 2020, p. 15).

Assim, a pandemia de covid-19 evidencia a nossa despedida da “utopia do século XX” (SCHWARCZ, 2020, p. 17). Além disso, gera uma dimensão pedagógica ao escancarar a tríade parasitária das sociedades ocidentais (colonialismo, patriarcado e capitalismo), bem como nos atenta para os impactos do antropoceno e do colapso ambiental, como refletem Ailton Krenak (2020) e Boaventura de Souza Santos (2020).

Diante de tal contexto, quais narrativas estão sendo produzidas a respeito desse momento de isolamento social potencializado pela pandemia de covid-19? As memórias sociais relacionadas a esse período evidenciam uma despedida da “utopia do século XX” e uma consciência sobre os impactos humanos na natureza?

NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA UNIVERSITÁRIA: ENTRE REGISTROS ORAIS DE UMA PANDEMIA E A HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

A narrativa analisada neste artigo foi produzida de forma remota, em razão da pandemia de covid-19, utilizando-se da plataforma digital Zoom. Os documentos para a autorização da entrevista e do uso das informações coletadas foram encaminhados, em data prévia ao encontro, à entrevistada – Jani Floriano, joinvilense e docente atuante no curso de Economia da Univille.

Pela pesquisa realizada temos acesso a uma história do tempo presente, portanto em processo. Sendo assim, por não ser uma história distante da realidade da entrevistada, é comum haver subjetividades em sua fala, mas estas devem ser vistas como fonte, pois, como descreve Thomson (2002, p. 355), “peculiaridades da História Oral’ podem ser mais uma fonte do que um problema”. Do mesmo modo refere Ritivoi (2018, p. 11) ao dizer que as narrativas podem nos encaminhar a outras subjetividades com as quais lhes damos sentido e enxergamos o mundo através de suas perspectivas.

Compreende-se como história do tempo presente a definição de Ferreira (2002, p. 321): “estudo dos usos do passado”. Tal concepção se expressa na fala da entrevistada quando esta observa as diferenças entre o passado e o contexto atual em questões sociais, políticas e econômicas. Essa contrastação possibilita ao projeto fazer uma “história das representações, do imaginário social e da

compreensão dos usos políticos do passado pelo presente” (FERREIRA, 2002, p. 321), em conjunto com os envolvidos na universidade, sobre como estão percebendo a universidade e o mundo a sua volta durante o isolamento social.

Com relação às narrativas orais, é comum questionar: “[...] em que medida a experiência individual pode ser representativa? Até que ponto uma história de vida fornece informações sobre a história da sociedade?” (ALBERTI, 2004, p. 23). Nesse aspecto, é importante ter em mente que a produção da História Oral não estabelece a memória de uma pessoa como uma verdade, mas se utiliza dela para ter um ponto de vista diferente de um mesmo acontecimento, como apresentado por Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 27): “O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida”.

No âmbito da pesquisa, o acontecimento em comum seria a pandemia, que para cada sujeito é percebida e compreendida de forma diferente. Assim, faz-se necessário levar em consideração a história do tempo presente, por meio da qual o contexto pandêmico pode fazer florescer o “nosso lado humano e vulnerável” (SCHWARCZ, 2020, p. 9). Há um trecho da entrevista de Floriano (2020) no qual se percebe que alguns colegas da entrevistada têm um comportamento consciente de cuidado com a saúde, mas que, na sociedade, existem outras perspectivas sobre o tema:

A gente tem percebido que os nossos colegas, pelo menos as pessoas com quem eu convivo, concordam com essa situação, de ter que ficar isolado, se cuidar não só por si, mas pelo próximo também.

Em outro momento Jani comenta a respeito das diversas situações em que se viu confrontada com a perspectiva do outro sobre o isolamento social, e é a singularidade da visão da entrevistada sobre esse momento que verificamos no trecho a seguir:

Ai, aquilo [a praça cheia de gente] me deixou muito chateada, muito irritada. [...] No começo eu até fazia denúncia, sabe, mas depois eu falei assim: “Quer saber, eu não vou ficar mais me enchendo o saco, não”. Tipo, virei um pouco egoísta, mas é, eu fico muito... me incomoda muito mais quando eu vejo as pessoas não cumprindo com esse isolamento, que eu tenho até evitado, como eu te falei no começo, de assistir as notícias, sabe. [...] Mas que é frustrante quando tu vê a praça cheia aqui do lado, dá vontade de pegar um megafone e berrar: “Olha o vírus aí” (FLORIANO, 2020).

A entrevista, nesse sentido, pode se apresentar como um “benefício terapêutico”, como descreve Thomson (2002, p. 351), pois o sujeito tem uma “confirmação pública contando sua história”, ou seja, divulgar seus conhecimentos para o próximo propicia a autocompreensão e o entendimento

do passado em comum com a sociedade em que o sujeito está inserido; essa propiciação configura-se como desejo comum e coletivo. Nesse sentido, podemos trabalhar com as percepções da entrevistada quando esta relata sua visão de mundo e de si mesma:

Porque, enfim, vou te falar bem a verdade, eu me tornei um pouco mais egoísta. Antes eu era muito mais Poliana, sabe, “ah vamos pensar no todo, vamos pensar...”, aí eu vi que, assim, eu posso continuar pensando no todo, mas o todo não pensa no individual, ou melhor, o individual de cada um pensa no seu individual e isso prejudica o todo. [...] Tipo, tu sobrevive, tu entra no piloto automático. [...] É bem aquela situação assim: “Ah, tu não vai se cuidar, problema teu”. [...] E eu acho que isso [é] ruim, eu acho que é uma visão pior do mundo (FLORIANO, 2020).

Apesar de a pandemia mostrar um lado mais individual, na narrativa de Jani Floriano é possível refletir também a respeito de uma outra dimensão de coletividade, associada ao consumo. Segundo a economista, existe um ponto positivo, apesar do contexto complexo em que estamos vivendo:

Eu achei muito legal, assim, que eu acho que todo mundo passou por isso, né? Eu consegui rever muitos dos meus consumos, do que eu preciso e do que eu realmente comprava por supérfluo ou que eu realmente não posso viver sem (FLORIANO, 2020).

Enfim, estes são tempos em que precisamos aprender com a experiência e lidar com as expectativas que dificilmente foram alcançadas por conta do isolamento potencializado. Talvez seja a hora de nos despedirmos da utopia do século XX e, diante dessa despedida, repensar a nossa humanidade e os nossos impactos no meio ambiente, assim como o fez Jani Floriano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desta pesquisa destaca-se como uma tentativa de refletir sobre a memória do tempo presente, principalmente no que diz respeito à pandemia de covid-19, que assolou e permanece assolando o mundo desde 2020, inserindo a todos em um contexto de isolamento social. Na realização deste trabalho tivemos o desafio de utilizar a metodologia da História Oral para produzir entrevistas de forma remota, tanto na etapa teórica quanto na própria produção das entrevistas.

Enquanto historiadores, é recorrente trabalharmos com o passado ou com reverberações dele no presente, mas, nesse projeto, passamos a prestar

atenção no que ocorria ao nosso redor. Nosso olhar foi voltado para o que estava acontecendo com todos nós, desviando-se do passado, o que só ampliou a importância da experiência, como já sinalizado por Bondía (2002).

Diante de todos esses desafios, é importante aprendermos com as experiências, e “tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro” (KRENAK, 2020, p. 14).

Além disso, é importante também compreendermos o limite deste trabalho, já que analisamos os relatos de uma única professora universitária. Nesse contexto, faz-se necessário refletir que,

tal como aconteceu com os políticos, os intelectuais também deixaram, em geral, de mediar entre as ideologias e as necessidades e as aspirações dos cidadãos comuns. Medeiam entre si, entre as suas pequenas-grandes divergências ideológicas. Escrevem sobre o mundo, mas não com o mundo. São poucos os intelectuais públicos, e também estes não escapam ao abismo destes dias (SANTOS, 2020, p. 9).

Por fim, destacam-se como um problema latente do tempo presente os abismos entre intelectuais públicos e a sociedade de forma geral. Dessa maneira, estudos futuros a respeito do contexto pandêmico podem dialogar com sujeitos para além do meio universitário ou de familiares, buscando uma aproximação maior da ciência com sujeitos de ambientes diversos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. O lugar da História Oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In: ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 3 abr. 2020.

BRASIL REGISTRA mais de 480 mil mortes por covid-19, com 2.344 em 24h. **G1**, São Paulo, 10 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/06/10/brasil-registra-mais-de-480-mil-mortes-por-covid-19.ghtml>. Acesso em: 11 jun. 2021.

CHOMSKY, Noam. Coronavírus é algo sério o suficiente, mas há algo mais terrível se aproximando. [Entrevista cedida a] Srecko Horvat. **Opera Mundi**, São Paulo, 6 abr. 2020. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/permalink/63998>. Acesso em: 10 abr. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e História Oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, dez. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2237-101X2002000200314&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17 jul. 2020.

FLORIANO, Jani. **Jani Floriano**: entrevista oral [8 set. 2020, Joinville]. Entrevista concedida a Moroni de Almeida Vidal, para o projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus* Joinville)”. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LINHA do tempo do coronavírus no Brasil. **SanarMed**, 19 mar. 2020. Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>. Acesso em: 24 out. 2020.

RITIVOI, Andreea Deciu. **Empatia, intersubjetividade e compreensão narrativa**: lendo as histórias, lendo as vidas (dos outros). São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Quando acaba o século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14003.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2020.



História de vida na pandemia de covid-19: novas formas de ver e viver o mundo

Lucas Jair Petroski¹
Gabriel de Oliveira Borges¹
Gabriel de Souza Rosa¹

INTRODUÇÃO

Este artigo foi construído com base em ações desenvolvidas na disciplina de Atividades de Extensão, do curso de licenciatura em História da Univille, e visa problematizar as vidas na pandemia utilizando-se da metodologia da História Oral. A disciplina Atividades de Extensão inicialmente promoveu um projeto chamado “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”, o qual foi desenvolvido em parceria com o Laboratório de História Oral da universidade. A atividade de extensão tem como objetivo experienciar como as teorias e as relações ocorrem na prática, e, segundo Bondía (2002, p. 21), “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Além disso, oportuniza testemunhar as funções e as ações do que é estudado empiricamente, compreendendo que as relações e as narrativas são mais bem entendidas e percebidas quando o historiador/pesquisador tem um contato real com o tema estudado (COELHO, 2015).

O artigo aborda as problemáticas contidas em uma história de vida no contexto pandêmico, mais especificamente as dificuldades, os problemas, as interpretações e as marcas que a pandemia de covid-19 trouxe para a vida do jornalista esportivo Tiago de Oliveira Borges. É importante destacar que um dos critérios para a entrevista era de que o entrevistado deveria ser membro da família de um dos pesquisadores. Com base em uma abordagem individual (o pensamento subjetivo de Tiago de Oliveira Borges), buscou-se entender, em parte, como a pandemia afetou um jornalista esportivo, em Joinville, no ano de 2020 e o que foi feito por ele para contornar as dificuldades decorrentes do período.

¹ Estudantes do 1.º ano do curso de História da Univille em 2020.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa em História que, no contexto atual de pandemia (ano de 2020), acabou se destacando, pelo fato de boa parte das reuniões e entrevistas ter se tornado possível apenas por vias digitais. Sabendo disso, é necessário fazer pelo menos dois adendos: um sobre o que é História Oral e outro sobre como ela se relaciona com o contexto pandêmico.

A História, diferentemente do que muitos pensam, não se trata apenas de passado. De acordo com Dewey (*apud* LUZURIAGA, 1978, p. 9),

O passado como passado não é nosso objetivo. Se fosse completamente passado, não haveria mais que uma atitude razoável: deixar que os mortos enterrassem os mortos. Mas o conhecimento do passado é a chave para se entender o presente.

Entende-se que a História é viva e presente através da memória e, por conseguinte, a História Oral também. A História Oral move-se em torno do vivido e daquele que concebe a vivência, que é de praxe o entrevistado, o qual é escolhido de maneira objetiva e com uma finalidade, buscando encontrar respostas para assuntos esquecidos ou sem documentação, ou até mesmo ligados à subjetividade do entrevistado (ALBERTI, 2004, 2013; PORTELLI, 1997).

Nessa metodologia, a forma de entender o mundo e o valor do indivíduo são revistos, de modo que esses horizontes se ampliam para além da unicidade, fluindo do indivíduo para o coletivo e dos muitos para o único. As expressões, as subjetividades e a compreensão tornam-se instrumentos primários do entrevistador/pesquisador; as experiências do outro ligam-se à experiência do eu e, por isso, o entrevistador deve ser um bom analista (PORTELLI, 1997; ALBERTI, 2004).

Na História Oral, entrevistador e entrevistado fazem parte de uma construção baseada em uma significação do passado projetada e elaborada por eles próprios. Essa metodologia é uma tentativa de capturar as memórias e expressões linguísticas dos indivíduos; é esse “fascínio pelo vivido” que faz a História Oral ser o que é (ALBERTI, 2004).

Sendo assim, trabalhar com História Oral significa contar trajetórias, experiências, biografias e tradições. Sua importância é real e conveniente, principalmente quando o próprio momento exige seu uso. Na atualidade e na pandemia (o caso em questão), as vias digitais e a oralidade tornaram-se meios facilitadores da comunicação e do fazer histórico (THOMSON, 2000), assim como as possibilidades de comunicação e armazenamento de áudios e vídeos tornaram a História Oral uma metodologia viável de pesquisa nesse contexto pandêmico, em virtude das melhorias tecnológicas (COMO A PANDEMIA..., 2020).

HISTÓRIA ORAL E A PANDEMIA DE COVID-19

Primeiramente vale salientar que, segundo Portelli (1997), a História Oral não se trata apenas de transcrições, pois, se assim fosse, perderia a capacidade expressiva que está retida na oralidade. A História Oral ajuda a não perder boa parte daquilo que está retido na linguagem falada e ritmada, como também os modos de expressão da fala e da entonação. A História Oral não traz consigo o fim da história escrita, pelo contrário, deve-se entender que linguagem oral e linguagem escrita são complementos e extensão um do outro, e sua separação não faz sentido, uma vez que elas se conectam em determinados pontos (PORTELLI, 1997).

A episteme da História Oral conta mais sobre significados do que sobre os eventos em si, por isso que em época de coronavírus se busca saber o significado que essa doença tem para as pessoas, aquilo que as afetou e como as afetou, mesmo que tais informações, se colocadas com outras entrevistas, estejam desirmanadas, já que as fontes orais buscam respostas, porém nunca concluem seu trabalho, pela vastidão de informações (PORTELLI, 1997; ALBERTI, 2004).

A História Oral, no caso aqui trabalhado, colabora para que a pandemia não seja vista apenas como um problema, mas também como uma possibilidade de reinventar-se, de encontrar novas formas de contar a história. As tecnologias digitais na História Oral ajudam e ajudaram a evitar saídas de casa no contexto de pandemia, uma vez que foram utilizadas para novas incumbências com a realidade que emergiu nesse período, propiciando comunicações e entrevistas orais e evitando ocorrências de contato presencial.

Encarar a História Oral com seriedade e estimar o seu valor são algumas das formas de torná-la mais relevante no cenário da História. A História Oral está a serviço da História e não em oposição a ela, mas aparece com distinção por ser uma história dos que estão “embaixo”, uma voz dos oprimidos. Ela faz isso ao apresentar o valor dos indivíduos independentemente da classe social ou do poder aquisitivo. Isso mostra que uma história contada longe dos grupos socioeconomicamente abastados é possível, pois o valor passa a estar na história de fato e não em quem a contou (FERREIRA, 2002; ALBERTI, 2004; PORTELLI, 1997).

É necessário frisar que a História Oral não se trata de opinião, mas da experiência única de uma história em perspectiva (PORTELLI, 1997). O entrevistador deve capturar essa experiência, e experiência

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

A PANDEMIA NA PERSPECTIVA DE UM JORNALISTA ESPORTIVO

Nesta parte será descrita a perspectiva de um entrevistado sobre o modo de viver durante a pandemia e as mudanças geradas por ela, em Joinville. Para isso, pequenas citações da entrevista realizada com o familiar de um dos pesquisadores serão incorporadas ao longo da análise.

Na entrevista referida, o entrevistado fornece suas interpretações sobre o contexto pandêmico gerado pelo coronavírus, e alguns pontos principais foram observados, sendo eles: meios de comunicação, isolamento social e urbano, comportamento das pessoas, ações governamentais, visão de mundo do entrevistado e das pessoas a sua volta, impactos no cotidiano que ficarão para o futuro e impactos no exercício de sua profissão.

As perspectivas do entrevistado

O jornalista esportivo Tiago de Oliveira Borges, nascido em 1990, é solteiro, não tem filhos e foi escolhido por fazer parte do núcleo familiar de um dos entrevistadores (irmão), o que era um dos critérios de seleção da pessoa entrevistada. Outra característica levada em consideração para sua escolha foi o fato de ser das áreas jornalística e esportiva, ambas afetadas fortemente pela paralisação dos jogos esportivos, e, mesmo quando estes foram retomados, por medidas de segurança a participação presencial dos jornalistas era barrada, resultando ainda em outras mudanças nas atividades profissionais do entrevistado.

Tiago inicia a entrevista afirmando que nunca vivenciou um momento como este, de pandemia. Ele relata que sua rotina foi radicalmente alterada pelo acontecimento e que, por conta disso, começou a trabalhar de casa, desenvolvendo de modo *online* o que normalmente fazia de maneira presencial. Seu maior meio para obter conhecimento sobre a pandemia foi a internet, tendo em poucos momentos assistido à televisão, por causa da rotina de trabalho.

Sobre os meios de comunicação na pandemia, o entrevistado afirma que o papel de divulgar informações estava sendo bem executado e diz ainda entender que o foco natural das coberturas fosse nas vidas perdidas em decorrência da covid-19, sempre com o intuito de tentar evitar uma nova morte. O entrevistado refere que o aprimoramento e o ajustamento das informações na busca por especialistas estaduais, locais e institucionais foram significantes para evitar novas perdas, constituindo uma contribuição importante do processo jornalístico.

Na questão do isolamento social e urbano, ele diz ter tido sua rotina muito afetada, desde a convivência com os amigos, como a impossibilidade de ir a bares ou a jantares ocasionais, até sua atuação profissional. As práticas esportivas que mantinha, as quais faziam parte do seu dia a dia, também foram afetadas: jogava vôlei uma vez por semana e futebol, pelo menos duas, além de frequentar academia. Por essas mudanças em suas atividades, sentiu uma dificuldade inicial nas limitações impostas, mas as compreendia como necessárias.

Quanto ao comportamento das pessoas, o entrevistado diz que é difícil generalizar quando se fala desse tipo de assunto, pois, segundo ele, houve pessoas com atitudes responsáveis, outras com atitudes intermediárias e aquelas que não tiveram responsabilidade alguma. Em relação a esses três grupos, comenta que no seu âmbito social as pessoas agiram de maneira responsável e que é natural existir algum indivíduo que não respeita as medidas impostas, que se considera acima da lei.

A respeito das ações governamentais, o entrevistado acredita que alguns órgãos foram precipitados ou irresponsáveis na tomada de decisões cabíveis, por conta da falta de estudo sobre a doença. Acha também que o *lockdown* afetou a economia em diversos setores, que as atitudes presidenciais, isto é, em âmbito nacional, foram insuficientes, pois a autoridade jogou as responsabilidades para os órgãos estaduais. Complementa ainda que o início das medidas tomadas pelo governo do estado foi responsável, todavia depois houve contradições, liberando setores que não eram julgados essenciais e que resultavam em aglomeração de pessoas.

A exemplo disso, cita o transporte público (que tem grande aglomeração) como serviço que foi liberado, e diz ter observado setores que apresentavam

menos aglomeração contudo tiveram de continuar fechados, ações estas contraditórias. Além do mais, o jornalista refere que houve atitudes controversas do governador, o qual proibiu eventos para evitar aglomeração, porém foi visto sem máscara em um evento. Tiago critica ainda a posição da prefeitura de Joinville, afirmando que ela teve uma conduta muito passiva.

No que concerne às mudanças na forma de ver o mundo, o entrevistado declara: “*Mudou um pouco minha visão de mundo [...], a pandemia nos mostrou como somos frágeis*”. Quanto às pessoas com as quais convive, não foi constatada nenhuma mudança na visão de mundo delas, e elas agiram de maneira responsável desde o início da pandemia.

Sobre os impactos que ficaram e ficarão, o jornalista assegura ter visto o fechamento de muitas lojas quando houve a retomada parcial das atividades e comenta não saber ao certo quando tudo será totalmente retomado, mas acredita que isso acontecerá no próximo ano (2021).

No tocante às *fake news* e aos efeitos que os posicionamentos em relação à pandemia trarão para as próximas eleições, tanto as municipais quanto as estaduais e a nacional, o entrevistado crê que esses aspectos vão afetar as eleições e o cenário político, e a sociedade, por sua vez, vai ser impactada tanto pelas questões políticas como pelas questões econômicas.

Por fim, o entrevistado reflete sobre os impactos da pandemia no exercício de sua profissão, tendo sido obrigado a deixar de exercê-la presencialmente. Antes da chegada da covid-19, Tiago possuía uma rotina agitada e cheia de mobilidade, contudo ela mudou por completo. Sua nova realidade restringe-se a desempenhar suas atividades laborais via WhatsApp e internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrevista realizada com Tiago de Oliveira Borges e as possibilidades da História Oral mudam, parcialmente, as formas de conceber a História e o mundo, e fica entendido que a pandemia de coronavírus afetou direta e indiretamente a vida das pessoas, seus trabalhos, a liberdade de ir e vir e de fazer o que desejam. É válido deixar explícito que não se trata somente de uma história subjetiva: o sentimento e a vivência do entrevistado são coletivos. A vida das pessoas está correlacionada com a de seus pares, amigos e familiares, por isso um indivíduo tem peculiaridades, mas, também, semelhanças com outros.

A respeito da História Oral, compreende-se que as novas formas de fazer História e entender o outro estão ascendendo cada vez mais e que um

é complemento do outro. Assim, entende-se que a subjetividade e os valores que os indivíduos detêm do mundo estão interligados com o ser e com o fazer história. A forma como serão encaradas as mudanças na história depende de como elas serão vistas, se como oportunas ou inoportunas, como temporárias ou algo perene.

As mudanças no mundo e em seu *modus operandi* trazem um novo formato de vida; se este é pior ou melhor depende da visão de cada um, contudo a inevitabilidade da mudança é real e veio sobre a vida das pessoas como a imposição de uma força exterior ao homem, originada pela natureza. Porém, como vimos na própria compreensão de vida do entrevistado, rearranjar-se e adaptar-se tornou-se algo importante para as pessoas no ano de 2020, de modo que antes elas tinham formas diferentes das que elas têm agora de agir, de compreender e de ver as pessoas. Esse momento abre chances para que sentimentos como a empatia e a compaixão, que pareciam estar desaparecidos nos últimos anos, ganhem forças e novas formas de expressão.

A pandemia possibilitou sentir saudades da família, lembrar dos pais, filhos e irmãos com mais carinho. Até mesmo coisas que eram tidas como ruins e chatas, coisas simples do cotidiano, como o trabalho e a escola, são agora lembradas de bom grado. Por tudo isso, acredita-se que, mesmo tendo acontecido muitas coisas ruins, podem ser obtidas coisas boas da experiência pandêmica, como a lembrança daquilo que já se tinha, mas a que não se dava o devido valor. Por fim, os desafios dessa experiência fazem com que nos inovemos, nos rearranjemos e nos tornemos resilientes para achar novas soluções.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual da História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 13-28.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 dez. 2020.

BORGES, Tiago de Oliveira. **Tiago de Oliveira Borges**: entrevista oral [28 ago. 2020, Joinville]. Entrevista concedida ao projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Univille, Joinville, 2020.

COELHO, Geraldo Ceni. O papel pedagógico da extensão universitária. **Revista Em Extensão**, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/26682>. Acesso em: 22 ago. 2022.

COMO A PANDEMIA influenciou o avanço da tecnologia. **Jornal de Brasília**, Brasília, 19 out. 2020. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/bsbtek/pandemia/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e História Oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 314-332, dez. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X003006013>. Acesso em: 31 ago. 2021.

LUZURIAGA, Lorenzo. **A história da educação e da pedagogia**. 10. ed. São Paulo: Nacional, 1978. 292 p.

PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. Cap. 16. p. 211-214.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 25-39, 1997.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da História Oral. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (org.). **História Oral**: desafios para o século XXI. 20. ed. Rio de Janeiro: Fio Cruz/CPDOC/Editora FGV, 2000. p. 46-65.

Memórias da pandemia: a História Oral como ferramenta para a escrita da História

Hellen Caroline Serafim¹

Isabela Spezia Petry¹

INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19, doença que ganhou proporções mundiais no início de 2020, continua a assolar o planeta. O coronavírus conseguiu parar a humanidade e confinar a população em suas casas; mudou a rotina, os costumes e a realidade geral de populações inteiras. Estávamos acostumados a ver pandemias e epidemias apenas em livros de História, a exemplo da gripe espanhola, e repentinamente a covid-19 bate à nossa porta, tirando vidas, causando crises, tirando-nos de nossa habitual realidade.

É estranho o fato de que, futuramente, este momento estará nos livros e materiais didáticos de História, e nós seremos os agentes que participaram ativamente desse fragmento de tempo da humanidade. Em entrevista concedida ao site UOL, a historiadora, antropóloga, professora e escritora Lilia Schwarcz (2020) diz:

O professor de história terá que lidar com o fato de que a pandemia poderá marcar o final de um século e começo de outro, como também conseguiu parar o mundo em tal atividade e com tal rotatividade, e com tanta velocidade. Nós aceleramos muito, e agora tivemos que parar.

Porém, além de olhar a situação de longe, com atenção ao todo e ao planeta, falta-nos a percepção do micro, do próximo. O projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”, desenvolvido na disciplina de Atividades de Extensão do curso de História da Univille, ministrada pela professora Sirlei de Souza, busca estudar

¹ Estudantes do 2.º ano do curso de História da Univille em 2020.

e registrar o fenômeno da pandemia com base na comunidade. Utilizando entrevistas com alunos, professores e demais funcionários do *campus*, por meio da metodologia da História Oral, busca-se registrar este momento pandêmico e estudar a experiência pessoal de cada entrevistado acerca do dia a dia em meio à covid-19.

A HISTÓRIA ORAL

A História Oral, uma das modalidades de pesquisa e historiografia presentes no âmbito da História, é uma forma recente de pesquisa e de estudo da humanidade através do tempo, tendo como marco de seu surgimento as décadas de 1960 e 1970 (SILVA, 2002). Uma explicação para esse fato seria que, desde o início da História como campo científico, a oralidade é vista com certo receio, sendo dada ênfase apenas aos documentos e às fontes escritas. A História Oral vem, posteriormente, por meio de lutas de afirmação, opondo-se à História dita “tradicional”:

[...] o surgimento da História Oral é fruto das lutas de afirmação no campo científico. A História Oral se constituiu em oposição à história dominante, oficial e acadêmica. Propôs-se como uma história vinda de baixo. [...] ela surge, portanto, como uma história nova, uma outra história (SILVA, 2002, p. 30).

A História Oral estuda o passado por intermédio do relato de agentes que estiveram nesse tempo e participaram dele de alguma forma. É um trabalho de pesquisa que se constrói pelas fontes orais. Ela preenche as lacunas da documentação escrita e traz consigo a importância da relação entre história e memória. Sendo assim, a História Oral produz suas narrativas mediante entrevistas com pessoas que de alguma forma se conectam com o assunto de interesse.

Por se tratar de entrevistas com “pessoas normais”, a História Oral muitas vezes é vista com maus olhos, pois acredita-se no estereótipo de que, por se constituir do relato de uma pessoa que conta sua experiência, este pode apresentar falhas. Porém, sendo uma metodologia de pesquisa, mesmo que baseada em fontes orais, a História Oral é extremamente cuidadosa e metodológica, possuindo diversas etapas tanto antes quanto depois da entrevista.

A ENTREVISTA

O grupo, composto pelos acadêmicos Cristiano Navarro Junior (estudante do 2.º ano do curso de licenciatura em História, que participou da entrevista mas desistiu do curso), Hellen Caroline Serafim e Isabela Spezia Petry, realizou a entrevista para o projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)” no dia 15 de setembro de 2020, sendo a acadêmica Hellen a entrevistadora e Fernanda Cruzza Eyng a entrevistada.

Fernanda Cruzza Eyng nasceu em 27 de outubro de 1986, na cidade de Lauro Müller (SC), é casada com Evelino Eyng, tem dois filhos e trabalha como gerente em um setor de prestação de serviços. Formou-se em Educação Física pela Univille e fez pós-graduação em Desenvolvimento Gerencial e Gestão de Pessoas, também na Univille. Já Hellen Caroline Serafim, a entrevistadora, na época da realização da entrevista era acadêmica do 2.º ano de licenciatura em História, igualmente pela Univille, sendo essa sua primeira experiência em entrevista oral.

É interessante destacar, nesse ponto do trabalho, a profundidade que se desenvolveu no decorrer desse ano letivo (2020) na disciplina de Atividades de Extensão, com supervisão e orientação da professora Sirlei de Souza, a qual foi apoiada pela coordenadora do curso de licenciatura em História, professora Ilanil Coelho. No período que antecedeu a pandemia, no qual não tínhamos ideia do que ela nos reservava, discutíamos nas aulas de Atividades de Extensão, em um dos anfiteatros da Univille, um texto lindíssimo chamado *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, do professor Jorge Larrosa Bondía, da Universidade de Barcelona. Ainda no início do texto, ele diz:

Começarei com a palavra experiência. Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “*o que nos passa*”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “*ce que nous arrive*”; em italiano, “*quello che nos succede*” ou “*quello che nos accade*”; em inglês, “*that what is happening to us*”; em alemão, “*was mir passiert*”.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece (BONDÍA, 2002, p. 21).

Na semana seguinte a essa discussão, Santa Catarina decretava quarentena.

No texto, Bondía (2002) cita Walter Benjamin, dizendo que nunca se passaram tantas coisas, todavia a experiência tornou-se cada vez mais obsoleta. Bondía (2002, p. 22) justifica, em um primeiro momento, esse fato ligado ao excesso de informação,

por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência.

Essas palavras parecem ter sido escritas em 2020 e não 18 anos atrás.

Vimos um contexto extremamente caótico de informações, a própria pandemia está sendo um exemplo disso. Veem-se as pessoas cada vez mais atentas às publicações em redes sociais (Facebook, Instagram) e menos reflexivas e ponderativas com o que acontece ao seu redor. Com relação a isso, durante a entrevista com Fernanda, perguntou-se a ela: “Qual o canal de comunicação que você tem utilizado para se informar, ou que tenha utilizado desde o começo da pandemia quando as coisas começaram a acontecer?”. E a resposta foi a seguinte:

Então, no começo da pandemia eu tava assistindo o Jornal Nacional todas as noites. A gente tava assistindo. Mas aí, com o passar dos dias e o quanto isso ficou... notícias com cunho político, é, a gente desistiu. Então a gente passou a acompanhar somente os números de Joinville pelas redes sociais e pouquíssimas vezes pelo jornal (EYNG, 2020).

Essa situação é vista em diversos outros discursos e se configura como uma desvalorização em massa do veículo de informação jornalístico.

Por outro lado, em relação à realização da entrevista, o uso de plataformas digitais foi extremamente agregador, uma vez que em condições normais de vida a utilização dessas plataformas seria excluída; mas, em vista do momento atual, a realização desse projeto só foi possível graças a elas. Utilizamos a Plataforma Microsoft Teams, disponibilizada pela Univille a cada um de seus membros, desde colaboradores até estudantes. Durante a entrevista, houve interrupções de familiares da entrevistadora e interferências esporádicas causadas pela conexão com a internet.

A experiência possibilitou muitas trocas de conhecimento, uma vez que, mesmo circulando pelos mesmos espaços, a equipe do projeto não tinha tido contato anterior com Fernanda – tanto em sua vida universitária quanto particular. Ademais, por questões políticas e ideológicas, falar sobre a pandemia do coronavírus com pessoas de que não se conhece a posição política

é extremamente delicado, tendo sido notável uma polarização entre grupos que acreditam nas comprovações científicas do vírus e outros que pensam na covid-19 como uma artimanha contra presidentes atuais.

Por fim, acreditamos que seja importante ressaltar a reflexão de Fernanda sobre como a pandemia de covid-19 será enxergada daqui a 50 anos:

Porque algo assim, que ninguém nunca imaginou [barulho] que passaria, e assim, né, como muitas famílias foram impactadas com essa doença... que perderam pessoas... eu acho que os reflexos serão bem maiores do que nas famílias que não perderam... que talvez pegaram a doença e não tiveram nenhum sintoma, né, que enfim, que pegaram e tiveram sintomas leves e passou tudo bem e tal. Eu acho que cada um vai ter uma visão, né, e lá na frente, né... o resultado dessa visão é que vai depender de como a pessoa vai falar, né, pra outras pessoas de como foi a pandemia. Se eu me mantiver assim, do jeito que eu tô hoje, com todo mundo com saúde, tá tudo bem, tudo certo, ninguém da minha família pegou, é... eu vou falar que foi uma grande oportunidade de vida para as famílias ficarem mais unidas, ficarem mais juntas, fazerem coisas mais juntas, do que outros problemas. Mas... quem teve perdas vai relatar de outra forma (EYNG, 2020).

É interessante analisar a fala da entrevistada. Mesmo reconhecendo a letalidade do vírus, ela desenvolve uma fala de que, dependendo de como cada pessoa/família for afetada, a visão sobre a pandemia será diferente, e justifica dando o seu próprio caso como exemplo: se ela e os seus não forem afetados, enxergará futuramente esse momento tão delicado como uma oportunidade de passar mais tempo com sua família e de outras famílias fazerem o mesmo.

Essa fala pode parecer egoísta, tendo em vista os milhares de pessoas e famílias que não puderam se isolar, migrar para o *home office* ou deixar de trabalhar, colocando-se em risco e perdendo entes queridos ou a própria vida por conta de tal desigualdade de oportunidades, neste caso, de se proteger.

Além disso, temos de reconhecer os diversos problemas sanitários que circundam nosso país, onde muitas pessoas não possuem acesso a recursos de higiene e saúde ou formas de se manterem isoladas. Sendo assim, a fala da entrevistada pode nos mostrar como o que ela diz é verdade: mesmo tendo em vista todas as tragédias causadas pela pandemia, muitas pessoas, que tiveram ou não oportunidade e condições de se manterem isoladas, enxergarão a pandemia como algo diferente ou um tanto quanto incômodo. Porém aqueles que enfrentaram a pandemia sem oportunidades de se manterem realmente seguros, ou que perderam familiares, conhecidos ou amigos, vão enxergá-la de outra forma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finaliza-se aqui um dos artigos da síntese dessa experiência, realizada pelas turmas de 1.º, 2.º e 3.º ano de licenciatura em História da Univille, como uma alternativa ao pensar o espaço universitário.

Todas as construções aqui remetidas se pautaram em questões abordadas nas aulas e no ambiente universitário da Univille, em que os estudantes tiveram espaço para compartilhar suas experiências durante o ano letivo de 2020.

A abordagem elucidativa, histórica e reflexiva, fruto da disciplina de Atividades de Extensão, foi de extrema elevação neste ano de tantas dificuldades. Pensamos, academicamente, uma situação bastante atual; vivenciamos na pele a covid-19; e, coletivamente, por meio de diretrizes acadêmicas, pudemos pensar essa emergente doença que assola o mundo desde o início de 2020. Não estamos passando pela pandemia de coronavírus, estamos laborando com ela dentro do espaço que nos cabe.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

EYNG, Fernanda Cruzzeta. **Fernanda Cruzzeta Eyng**: entrevista oral [set. 2020, Joinville]. Entrevista concedida a Hellen Caroline Serafim, para o projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. 100 dias que mudaram o mundo. [Entrevista cedida a] Camila Brandalise e Andressa Rovani. **Universa UOL**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/coronavirus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/#cover>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SILVA, Hainke R. K. da. Considerações e confusões em torno de História Oral, história de vida e biografia. **Métis: História e Cultura**, v. 1, n. 1, p. 25-38, jan./jun. 2002.



Percepções sobre os impactos da pandemia de covid-19 na comunidade joinvilense

Thainá Camila Tambosi¹
Vanessa Heidemann¹

INTRODUÇÃO

No fim do ano de 2019 e sobretudo ao longo de 2020 o mundo foi surpreendido pelo surgimento de uma pandemia. Seu agente principal era um vírus nomeado cientificamente de SARS-CoV-2, o qual ficou conhecido popularmente como covid-19 e modificou as estruturas de toda a sociedade (BRASIL, 2020). O novo coronavírus, identificado primeiramente na cidade de Wuhan, na China, disseminou-se rapidamente pelo mundo. As mortes em decorrência do vírus atingiram e continuam atingindo números assustadores. Segundo dados do portal Coronavírus Brasil (2021), até o momento da escrita deste artigo havia no país mais de 500 mil óbitos confirmados.

No Brasil, as primeiras decisões sanitárias para controle do contágio foram tomadas em meados do mês de março de 2020. No estado de Santa Catarina, medidas de proteção e combate ao vírus, instauradas pelo Decreto n.º 509 de 17 de março de 2020, levaram a uma série de suspensões, entre elas a das atividades escolares.

As aulas presenciais na Univille foram reformuladas e virtualizadas para atender às exigências necessárias, em decorrência do momento vivido. Incluída nesse contexto, a disciplina de Atividades de Extensão, em parceria com o Laboratório de História Oral da Univille, trouxe a proposta de atividade de pesquisa intitulada “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”, a qual conta com uma série de entrevistas que buscam compreender experiências sociais vividas pela comunidade acadêmica em meio à pandemia, num contexto em que diversas rotinas precisaram ser reformuladas por conta da necessidade do isolamento social.

¹ Estudantes do 2.º ano do curso de História da Univille em 2020.

A metodologia utilizada para a realização da presente pesquisa foi a História Oral, auxiliada pelos referenciais teórico-metodológicos do campo. Por meio da História Oral é possível compreender subjetividades de momentos que, por vezes, não podem ser observadas somente por intermédio da fonte documental. A oralidade permite-nos, portanto, avaliar múltiplos sentidos dados a um momento, enriquecendo ainda mais tal análise. A importância da História Oral como ferramenta para compreensão da sociedade está clara nas palavras de Meihy (2000, p. 85), quando diz que,

nesse sentido, cabe considerar que chamamos História Oral os processos decorrentes de entrevistas gravadas, transcritas e colocadas a público segundo critérios predeterminados pela existência de um projeto estabelecido. Mesmo respeitando as investidas que confundem entrevistas feitas de diversas formas com os procedimentos formais da História Oral, ressalta-se que no Brasil, bem como na América Latina, o impacto e a ampla aceitação da História Oral institucionalizada têm provocado debates que a qualificam como, talvez, a mais promissora das tendências de entendimento da sociedade.

Portanto o artigo aborda, como temas principais, o contexto da pandemia de covid-19 e as discussões que evidenciam uma série de fragilidades em diferentes áreas em decorrência dela, como na educação, na administração pública e na saúde, e que foram trazidas à luz pela experiência pessoal de Léo Bruno Sasse, acadêmico de Enfermagem da Univille.

DISCUSSÃO

As medidas de isolamento social, tão importantes para o controle da disseminação do vírus da covid-19, alteraram significativamente o cotidiano das pessoas no mundo todo. As interações sociais passaram muitas vezes a ocorrer por meio remoto e digital, porém o contato presencial é uma ausência sentida de algum modo por todos nós, a qual afeta a cada um de diferentes formas. Tal ausência consiste na maior queixa exposta na entrevista analisada, o que nos permite refletir sobre a importância da universidade, que, além de ser um local de aprendizagem, é também um espaço de encontro, amizades e relações que ocorrem de forma presencial e frequente na rotina de estudantes, professores e funcionários. Tudo isso precisou ser interrompido diante da covid-19 para que a saúde coletiva fosse priorizada. A pandemia pegou a todos de surpresa, e a ausência do outro está gerando impactos, principalmente na saúde mental. Em uma pesquisa realizada por Marilda Emmanuel Novaes Lipp e Louis Mario

Novaes Lipp, foram coletadas informações de 3.223 adultos com idade entre 18 e 85 anos sobre como se sentiam diante da pandemia de covid-19. Com a análise dos resultados os autores constataram que o estresse e a ansiedade foram as doenças mais mencionadas pelos entrevistados. No tocante a esta última, os autores afirmam:

A prevalência de ansiedade foi de 57,50%, revelando uma sociedade extremamente abalada pelo medo, pelas expectativas negativas de futuro, pelas incertezas, pela falta de contato presencial de amigos e parentes, pela necessidade de *home office* e pela necessidade abrupta de adaptação a um “novo normal” totalmente imprevisível cujo acontecimento nenhuma mente humana poderia prever (LIPP; LIPP, 2020, p. 187).

Diante dessas condições, há alguns hábitos que contribuem para manter a mente e o corpo saudáveis. Filtrar os canais de informações é uma boa opção. Estamos vivendo um período de bombardeio de notícias de diversas fontes, algumas seguras, outras nem tanto. O avanço das tecnologias digitais ainda não conseguiu promover ferramentas adequadas para o combate das *fake news* que, dependendo do seu teor, podem ocasionar ainda mais ansiedade.

O manual de saúde promovido pela Secretaria do Estado de Saúde do Governo de Goiás (SES-GO) trouxe alertas para essa questão. Segundo o guia, “a repetição constante das informações, o exagero ou as falsas notícias podem te levar a um estado mental de constante alerta, prejudicando o relaxamento e a capacidade de discernimento” (GOIÁS, 2020, p. 3). Tendo proximidade com a área da saúde por conta do seu curso, nosso entrevistado aponta que busca em fontes confiáveis as informações sobre a pandemia. Isso fica evidente em sua fala:

Eu tenho utilizado as redes sociais, muito. Ah... canais oficiais, né, no caso, porque... é que eu faço curso de Enfermagem, eu gosto de seguir esses canais, tipo, canal de saúde, do governo. Até eu me informo por eles, porque eles são meios oficiais. E Jornal do Almoço também, que eu assisto. Jornal local, né, na hora que eu tô almoçando, ali. De vez em quando eu assisto Jornal Nacional no período da noite, assim. E a internet no geral também (SASSE, 2020).

A Univille tem desempenhado um papel fundamental no acolhimento dos estudantes que enfrentam problemas em decorrência do isolamento social. Muitos deles têm apresentado dificuldades no gerenciamento das rotinas de estudo e níveis elevados de ansiedade com a demanda de trabalhos. Em relação à atuação da universidade, Léo Bruno Sasse salienta:

[...] em questão da universidade, ela está ajudando bastante, dando bastante suporte para os alunos, tanto na questão psicológica, por exemplo, que abriu um canal de comunicação psicológica ali na Univille, é... para alunos que têm ansiedade ou estão passando alguma dificuldade, [...] fatores de estresse, sabe, por conta desse período. E eles têm dado bastante suporte (SASSE, 2020).

Diante de tal crise, no início do isolamento social era claro que inúmeros setores seriam atingidos, entre os quais está o educacional. O processo de adaptação para o ensino a distância durante a pandemia foi de grande preocupação e marcado por inúmeras dificuldades enfrentadas por professores e alunos, desde a falta de atenção do estudante num ambiente inapropriado para a concentração nas tarefas até as dificuldades dos pais de orientar nas atividades e a inabilidade dos professores em lidar com o manuseio de tecnologias. Com isso, é possível trazer à tona a questão da valorização do ensino, tanto presencial quanto a distância. Em tempos de virtualização do ensino, foi possível colocar em pauta inúmeros desafios enfrentados pelo professorado. Pais e responsáveis viram de perto a dificuldade de cada profissional do ensino.

As bases legais da Educação a Distância no Brasil foram estabelecidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n.º 9394, de 20 de dezembro de 1996), pelo Decreto n.º 2494, de 10 de fevereiro de 1998 (publicado no DOU de 11/2/98), Decreto n.º 2561, de 27 de abril de 1998 (publicado no DOU de 28/4/98) e pela Portaria Ministerial n.º 301, de 7 de abril de 1998 (publicada no DOU de 9/4/98) (BRASIL, 1999, p. 1).

É possível perceber que o ensino a distância no Brasil tem um longo histórico, no entanto a dificuldade de trazer técnicas dessa modalidade para o ensino presencial seria um longo caminho a ser percorrido. Em decorrência desse caminho, a imagem de procrastinação e acomodação viria a se concretizar. A entrevista com o acadêmico Léo Bruno Sasse torna visível que tais situações se encontravam presentes em sua rotina de estudos: Léo enfatiza que a regulação do sono é uma questão que atrapalha sua rotina acadêmica, por estar na comodidade e o tempo todo em casa. Além disso, relatou ter dificuldades no aprendizado, uma vez que não está em contato presencial com os professores. Apesar disso, apontou como pontos positivos a facilidade de acesso aos materiais, uma vez que os tem disponíveis em seu computador a qualquer momento. A questão do custo com o transporte foi outro ponto destacado, pois mora longe da faculdade e utilizava meio de transporte próprio. Com as aulas a distância, está economizando o dinheiro que seria gasto com locomoção.

De fato ocorreram reestruturações no ensino em nosso país. Tais mudanças exigiram de todo o corpo acadêmico adaptações, entre elas o ensino virtualizado, que implicou muitas vezes problemas relacionados ao desenvolvimento da aprendizagem de muitos estudantes. Como vimos no caso do acadêmico entrevistado, ele possui essas dificuldades, porém tem acesso ao material da universidade facilmente e enfatiza que a praticidade da universidade em adaptar-se ao aluno foi essencial para a situação vivida. Contudo também é possível perceber que a evasão escolar tem aumentado desde o início da pandemia; são vários os fatores que levam a essa desistência: estudantes sem equipamentos ou conexão à internet, famílias em situação econômica cada vez mais frágil, professores com crescentes dificuldades em manter os alunos engajados nas aulas remotas e pais tanto ansiosos quanto temerosos pela perspectiva da volta às aulas presenciais.

No ano de 2020 as estimativas indicam que cerca de 5,5 milhões de crianças e adolescentes não tiveram acesso à educação. O número de desistência de alunos na faixa dos 6 aos 17 anos foi de 1,38 milhão, ou seja, 3,8% dos estudantes, percentual esse maior que a média do ano anterior, que indicou 2% (FOSTER, 2021). Acerca desses dados, é possível concluir que as circunstâncias da pandemia colocaram em risco a educação de jovens, e há, portanto, uma constante preocupação em relação à evasão escolar.

O papel do governo foi fundamental nesse período de pandemia, pois, assim como o setor educacional foi afetado, houve impacto também nos setores da saúde, do trabalho, da economia etc. São vários os desafios a serem enfrentados pela população, porém, apesar das ações governamentais, ocorre também um desgoverno perante a sociedade brasileira. É necessário enfatizar que o Brasil é um país extremamente desigual e que fatores como a má nutrição e a falta de saneamento básico podem ser um sério agravante para as populações mais pobres, o que torna mais importantes as políticas públicas neste momento.

O sistema de controle da pandemia encontra-se em defasagem. Com uma nova onda da doença se espalhando pelo Brasil, as medidas restritivas foram reforçadas. Segundo o documento elaborado por Decca *et al.* (2021, p. 18) e entregue no dia 28 de abril de 2021 à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19, do Senado Federal,

a pandemia do coronavírus e da Covid-19, com seus trágicos desdobramentos sanitários, políticos e econômicos, concederam ao Brasil lugar singular entre os países com respostas tardias e insuficientes à prevenção de casos e óbitos. A demora e desproporção entre a quantidade de recursos para rastreamento e tratamento de pacientes em face à magnitude da transmissão tem sido um problema em si. A “falta” de leitos, equipamentos, testes, oxigênio e escassez de vacinas foram contrapostas

com o uso cloroquina [*sic*] e posteriormente o pacote de medicamentos para “tratamento precoce”, além de outras quimeras.

Com isso, a permanência de um desgoverno perante as ações de combate contra a pandemia torna-se extremamente preocupante, uma vez que os governantes responsáveis precisam estar preparados para acolher a população mais vulnerável ou de risco. O descontentamento popular encontra-se em alta nos últimos anos, e o histórico de manifestações contra as ações dos governos é enorme. Podemos perceber isso na fala do acadêmico Léo:

Bom, eu acho que eles demoraram demais para tomar medidas restritivas, que se tivessem tomado ali no começo, já no início da pandemia, teria sido mais eficaz. E eles liberaram muito cedo também. Depois que eles tomaram essas medidas, eu acho que eles liberaram muito cedo. É... eles acabaram, ali, por exemplo: tiveram que colocar decretos de novo aí, para se isolar, de novo. Transporte público é um bom exemplo disso. Que eles liberaram muito cedo. Aumentou os casos. Aí tiveram que bloquear de novo, sabe? Então se eles tivessem mantido mais tempo, quem sabe não tivessem diminuído mais ainda os casos. Então, eu acho que as decisões estão sendo tomadas meio erroneamente... (SASSE, 2020).

É perceptível que ocorre crítica ao governo do estado em relação às restrições no início da pandemia, no entanto são feitos elogios também. Na data em que a entrevista foi realizada, o estado de Santa Catarina estava fora da área de risco, controlando as aglomerações e com índices baixos de mortalidade, porém verificavam-se novas ondas da doença e as restrições foram reforçadas. Além das críticas ao governo do estado, também existem críticas ao governo do Brasil.

O ato de governar é garantir que cada indivíduo tenha condições dignas para viver, como saneamento básico, saúde de qualidade, educação de qualidade etc. De acordo com o artigo 6.º da Constituição:

Art. 6.º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988).

Entendidos como direitos fundamentais a todos os indivíduos, em momentos em que algum deles possa estar sendo afetado, como no contexto atual, torna-se urgente voltar os olhares para as necessidades básicas da população. Trabalhar essas pautas é o mínimo que se espera. Fazer de forma ineficiente é governar mal. Não fazer isso é não governar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, realizado durante o período de pandemia, fez-se muito importante para a reflexão de detalhes que muitas vezes passam despercebidos. Com a pandemia veio o isolamento social e, conseqüentemente, o distanciamento de familiares, amigos e colegas. Também entrou em destaque a questão da saúde emocional da população, potencializada pelo aumento do desemprego e da perda de fontes de renda.

Na entrevista com o acadêmico Léo foi possível refletir muito sobre esses fatores, sobre as pequenas atitudes rotineiras que nem sempre tinham o devido valor. Com a pandemia, o simples fato de poder ver o sorriso de alguém fez uma grande falta, assim como se sentiu falta de um abraço, de uma troca de palavras no ponto do ônibus, de uma cerveja com os amigos depois da aula ou do trabalho etc. Essas são pequenas atitudes que, antes de todos os acontecimentos pandêmicos, pareciam triviais, mas que agora possuem um valor imensurável.

É importante enfatizar, ainda, a questão do descontentamento da população com o governo e o aumento de *fake news*, uma vez que 2020 foi um ano eleitoral e o impacto causado pelas *fake news* refletiu nas ações contra o vírus. Exemplo disso foi a compra de respiradores num momento crítico do combate à pandemia em Santa Catarina: o dinheiro destinado a essa compra foi desviado, ocasionando uma novela judicial no estado catarinense.

Por fim, entende-se que o presente trabalho se constitui como importante registro das mudanças ocasionadas pela covid-19 e que pode proporcionar subsídios para futuras pesquisas que visam compreender melhor o momento vivido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988.** Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 4 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Regulamentação da EaD no Brasil.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em: 4 nov. 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é covid-19.** Sessão sobre a doença. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 1 dez. 2020.

CORONAVÍRUS BRASIL. **Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 6 jul. 2021.

DECCA, Cláudio *et al.* **A tragédia brasileira do coronavírus/covid-19: uma análise do desgoverno do governo federal, 2020-2021**. Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19 do Senado Federal. Brasília, 2021. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/sites/default/files/2021-05/tragedia-brasileira-covid_final.pdf. Acesso em: 6 jul. 2021.

FOSTER, Paula. Pandemia aumenta evasão escolar, diz relatório do Unicef. **CNN BRASIL**, São Paulo, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/01/28/pandemia-aumenta-evasao-escolar-diz-relatorio-do-unicef>. Acesso em: 6 jul. 2021.

GOIÁS. Secretaria do Estado da Saúde. **Cuidado da saúde mental na pandemia da covid-19 e isolamento social**. Goiânia, 2020. Disponível em: https://www.saude.go.gov.br/files/banner_coronavirus/manual_saudemental-coronavirus.pdf. Acesso em: 3 dez. 2020.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; LIPP, Louis Mario Novaes. *Stress e transtornos mentais durante a pandemia da covid-19 no Brasil*. **Boletim – Academia Paulista de Psicologia**, v. 40, p. 180-191, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da História Oral latino-americana: o caso do Brasil. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (org.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

NÚCLEO DE APOIO PSICOSSOCIAL. **Cuidados com a saúde mental em tempos de isolamento social**. PUCRS, 2020. Disponível em: <https://www.pucrs.br/blog/cuidados-com-a-saude-mental-em-tempos-de-isolamento-social/>. Acesso em: 3 dez. 2020.

SANTA CATARINA (estado). Decreto n.º 509 de 17 mar. 2020. Dá continuidade à adoção progressiva de medidas de prevenção e combate ao contágio pelo coronavírus (covid-19) nos órgãos e nas entidades da administração pública e estadual direta e indireta e estabelece outras providências. **Diário Oficial [do] Estado de Santa Catarina**, Florianópolis, 2020, n. 21.223-A, p. 1. Disponível em: <http://dados.sc.gov.br/dataset/covid-19-decretosestaduais/resource/183dd81f-ea4e-41b6-b8d3-8c8bde639b64>. Acesso em: 1 dez. 2020.

SASSE, Léo Bruno. **Léo Bruno Sasse**: entrevista oral [4 set. 2020, Joinville]. Entrevista concedida a Thainá Camila Tambosi e Vanessa Heidemann, para o projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2020.

Considerações e experiências sobre a produção de fontes orais acerca de vivências na pandemia de covid-19

Lauana Vicente¹

Wesley Graper¹

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é buscar compreender a percepção da sociedade sobre a pandemia de covid-19, utilizando a metodologia da História Oral para tanto. Dessa forma, deve-se dissertar acerca da concepção de História Oral, na qual

[...] as entrevistas permitem compreender como indivíduos experimentam e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral [...] facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros (SORDI, 2007, p. 36).

Assim, a História Oral é uma metodologia essencial para a produção de fontes históricas – principalmente as ricas em subjetividade temporal.

A compreensão do conceito de experiência torna-se igualmente muito importante para se ter uma melhor ideia das finalidades pretendidas. Para tal, tomamos emprestada a concepção de Bondía (2002, p. 21):

A experiência é o que nos passa, o que nos toca. [...] A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo quase nada nos acontece. [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.

Dessa forma, podemos ter em mente que a experiência não se faz em qualquer ato do dia a dia; está sujeita a acontecer somente quando nos deixamos afetar por ela.

¹ Estudantes do 2.º ano do curso de licenciatura em História da Univille em 2020.

A crise sanitária que acometeu todo o globo no ano de 2020 fez-nos perceber inúmeras situações que, em dias normais, não seriam perceptíveis no ritmo acelerado da nossa sociedade. Entre os fatos que ficaram mais evidentes, escancarou-se a extrema desigualdade social que atinge o Brasil – a qual não surgiu recentemente, pelo contrário –, onde, segundo o Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), em uma pesquisa realizada em 2018, mais de 16% da população não tem acesso à água potável e apenas 46% do esgoto produzido é devidamente tratado, fazendo com que as regiões que possuem menor acesso, como Norte e Nordeste, bem como as periferias, apresentem um índice de precariedade mais alto. Evidenciou-se também que o acesso à água tratada é essencial para uma boa qualidade de vida, principalmente em períodos como este, em que a higiene pessoal se faz tão primária e necessária (BRASIL, 2019).

Deve-se observar, ainda, que no decorrer do final do século XX e início do XXI surgiram e se renovaram muitas tecnologias, junto de outros fatores, promovendo um consumismo exacerbado e demonstrando-nos hoje o quanto as tendências do capitalismo desenfreado, em um eterno ciclo de uso e descarte, prejudicam o meio ambiente e corroboram para a aceleração do aquecimento global, acrescendo o alto índice de exploração de recursos naturais. Dessa maneira, a atenção de muitos especialistas de diversas áreas do conhecimento tem-se voltado às questões ambientais.

Nas lentes de Bondía (2002), ao pararmos para assistir aos eventos contemporâneos, podemos chegar à conclusão de que nada acontece para experienciarmos. Essa ideia nos leva a colocar um ponto de dúvida na hipótese proposta pela historiadora Lilia Moritz Schwarcz (2020) de que a pandemia de covid-19 será o marco da virada do século XX para o XXI, pois, em sua perspectiva, tal acontecimento demarca as limitações desse *boom* tecnológico que vem ocorrendo desde a primeira grande guerra – evento que, para alguns historiadores, marca o início do século XX.

É interessante refletir que essa possível descontinuidade histórica poderia colocar o século XXI como crucial para uma mudança e uma manutenção da vida humana e do meio ambiente, porém nos atermos demasiadamente a tais abstrações pode ser uma atitude precipitada para um historiador. Quanto a essa ideia cabe a questão de que, provavelmente, a grande maioria das pessoas não compreenderá esse evento com uma visão tão ampla de seus impactos, restringindo-se muitas vezes a suas relações mais íntimas e familiares – isso quando houver impacto, pois há muitas nuances nesse contexto. Ou seja, o cerne da dúvida é: até onde podemos dizer que a pandemia de covid-19 exercerá impactos na mentalidade dos cidadãos? Algumas informações trazidas neste artigo nos fazem creditar tal questionamento.

Além do mais, deve-se levar em consideração outra questão colocada por Bondía (2002), a qual nos diz que vivemos em um momento de excesso de informações – por vezes nos levando à desinformação –, o que, da mesma forma, impede a experiência. Assim como boa parte dos eventos da última década, a proliferação de notícias falsas não foi diferente no contexto pandêmico, acrescentando-se, também, os discursos negacionista e reducionista do governo em relação à gravidade da calamidade pública.

Sem embargo, pretende-se desenvolver neste artigo as percepções e vivências de Ademir Brinckmann, nascido em 1962 na cidade rural de Ipira, no oeste de Santa Catarina. Veio para Joinville momentaneamente a convite de amigos, mas decidiu ficar ao tomar gosto pelo município, residindo hoje no bairro Estêvão de Matos. Aposentado, divorciado e pai de duas filhas, no momento da entrevista o senhor Ademir era encarregado de limpeza na Univille (*Campus* Joinville) havia cerca de dez anos. O entrevistado leva uma vida simples, dedicada à família, aos amigos, ao trabalho e às suas práticas de fé em Deus. Como propriamente afirmado por ele durante a entrevista, não possui um conhecimento acadêmico, porém nos oferece uma rica leitura do mundo em que vive, centrada em suas relações sociais e intrapessoais.

DESENVOLVIMENTO

Os contatos iniciais com Ademir Brinckmann foram muito interessantes. O entrevistado, desde os primeiros momentos de conversa, demonstrou-se muito interessado em compartilhar seu relato de vida e experiência pessoal, compreendendo facilmente e com entusiasmo as finalidades e a importância do empreendimento.

No dia do encontro virtual e do diálogo, seguiram-se alguns problemas técnicos na realização da chamada efetuada na plataforma Microsoft Teams. Superadas as intempéries, deu-se início à troca de conversas. De forma bastante descontraída e bem-humorada, Ademir Brinckmann relatou-nos sua trajetória de vida e suas condições atuais, já citadas na introdução do artigo.

Dando seguimento ao diálogo, os entrevistadores questionaram se o entrevistado já ouvira falar de algum evento semelhante à pandemia que o mundo vive nos tempos atuais. Ele logo disse que não, porém, ao ter conhecimento da gripe espanhola, ocorrida no Brasil no século passado, demonstrou grande interesse e compreensão da importância para os dias de hoje de ter ciência de um evento como esse.

Quanto ao tema “pandemia”, o senhor Ademir admite que se trata de uma grande problemática a ser enfrentada, contudo, ao mesmo tempo, nota que

essa percepção não é efetiva em seu bairro. Em compensação, o entrevistado tenta fazer a sua parte reduzindo visitas à sua mãe idosa e evitando se encontrar com amigos que para ele são de grande estima.

Referente ao transporte público, o senhor Ademir faz uma dura crítica ao relatar suas experiências em ônibus lotados, tendo em vista um cenário em que as aglomerações não são apenas indesejadas, mas perigosas. Para ele, as empresas de transporte público não conseguiram cumprir as exigências da prefeitura: “[...] *é onde houve uma questão errada, onde o prefeito não teve pulso firme dele em dizer ‘não, eu pedi, liberei os ônibus pra 40% e não 130’, entendeu? [...]*” (BRINCKMANN, 2020). Por meio desse relato, é possível perceber a lógica neoliberal que domina o controle do mercado, não possibilitando a tomada de decisões necessárias no combate às crises sanitárias, bem como em outras questões ambientais que têm gerado vários alertas no decorrer das últimas décadas.

Acresce-se a isso a percepção do entrevistado quanto a interesses ideológicos externos em detrimento do bem da população nessa conjuntura:

[...] o meu ponto de vista dentro dessa pandemia existe muito política, [...] então ah... o prefeito determina uma coisa, mas vai ter dez junto ali do lado que não vão aceitar aquilo que... o prefeito acha que deveria ser, então eu acho que tem muita política no meio. [...] Não que ele... [...] seja incompetente, não... ah, eu acho que tinha que ter o pulso mais firme e dizer “não, nós vamos cobrar e ponto final”, né? [...] (BRINCKMANN, 2020).

Aqui se evidencia quem são os indivíduos que saem perdendo nas disputas de interesses econômicos das classes dominantes: a classe trabalhadora.

Sobretudo em virtude da emergência de respostas efetivas para o controle do vírus, as ações governamentais precisaram ser urgentes, resultando na necessidade de intervir com medidas preventivas ao contágio em massa da população e oferta de tratamento qualificado aos infectados – porém isso não se deu da mesma forma em todas as regiões. Foi previsto, ainda, no caso do Brasil, auxílio às famílias necessitadas de apoio financeiro, por conta da impossibilidade de trabalhar normalmente e da redução salarial.

Ao ser questionado sobre as dificuldades de ficar em casa, cumprindo o isolamento social, o entrevistado relata a saudade de passar tempo com sua família, principalmente com a mãe, já de idade avançada, entretanto, em decorrência dos perigos dos contatos, esforça-se para manter distância:

[...] o que eu acho, assim, é que é... para quem me conhece sabe que eu não consigo ficar parado, né. Eu tenho que trabalhar, e o que me faz muita falta é o meu trabalho, né. Tanto que na empresa eu pedi para eles pra, como não dá para trabalhar na Univille, para eles me colocar em outro posto nesse período, né. Mas daí eles acharam que não. “Fica em casa, descansa”. Mas é bem complicado assim, eu sou uma pessoa que gosto de trabalhar [...]. Eu não sou de ficar em casa, né, e agora, né, tipo é uma rotina diferente, né. Uma rotina que eu nunca pensei que eu ia passar, né, de ficar tanto tempo em casa sem passear na casa dos parentes, né, sem visitar os irmãos. Então é uma rotina bem diferente, tem que se acostumar na verdade, né. Mas o trabalho faz muita falta [...] (BRINCKMANN, 2020).

Essa fala pode elucidar um pouco a mentalidade presente na cidade de Joinville, mentalidade que, segundo Cunha (2008), foi fomentada desde meados do século XIX, originária do nacionalismo alemão do mesmo século e apropriada pelos membros da elite teuto-brasileira, e então transformada num “mito fundador” que tinha como centro o culto ao trabalho, sendo perpetuado por meio de símbolos e ritos e inscrevendo-se na memória pública e nos cotidianos populares da cidade.

Esse mito foi ressignificado em contexto posterior, no centenário de Joinville. Como bem explicitado por Janine Gomes da Silva (2004), a mentalidade imposta na memória pública de Joinville desde meados do século XIX foi ressignificada, colocando o município em uma posição de cidade ordeira e trabalhadora – com efeito, podemos considerar Joinville a cidade do trabalho, mas ela ainda está demasiadamente distante de tornar-se a cidade dos trabalhadores.

Sendo assim, o impacto da impossibilidade de trabalhar e da necessidade de permanecer em casa, por vezes, é desagradável para pessoas que passaram e passam sua vida inteira dedicando-se ao trabalho. Do mesmo modo, aqueles que mantiveram suas funções costumeiras, por vezes enfrentando situações precárias – ou até mesmo inexistentes – de prevenção ao vírus, assumiram, em alguns casos, uma postura de que a gravidade do problema nunca foi tão grande como as mídias “criadoras de alarde” pronunciavam.

Especificamente na cidade de Joinville, notou-se a necessidade de ações mais duras quanto ao controle do distanciamento social e do fluxo de pessoas em locais públicos e privados, sendo perceptível que na ausência das medidas de controle o número de casos positivos para covid-19 aumentou. A situação evidencia-se no relato do entrevistado por meio de sua crítica ao descaso da prefeitura: “Então, ali houve um erro muito grande, onde a pandemia deu aquele [...] salto grande aqui em Joinville”. O senhor Ademir também aponta sua opinião para com os populares, ao citar o caso em que encontrou uma amiga em um supermercado:

Aí aconteceu de uns quinze dias atrás eu fui, tive que dar um pulinho lá no mercado rapidinho pegar umas coisinhas que estavam faltando, e acabei encontrando ela na rua, né. E eu fui dentro das regras [...], com máscara e tudo, e daí ela me chamou, né, daí ela quis me dar um abraço, né. Daí eu disse “Ah que pena, né, tia”, eu disse “a gente não pode mais se abraçar agora”. Eu disse “e onde tá a sua máscara?”. Aí ela disse assim, “eu não vou usar a máscara, isso aqui é uma gripezinha normal” e pronto. Então eu acho que o povo mesmo em si, não tá... não sei se a ficha não caiu ainda ou se não querem colaborar pra realmente combater esse vírus, né. Então é bem complicado, mas eu acho que o povo, a maioria, [...] não tá querendo colaborar. Essa é a verdade (BRINCKMANN, 2020).

Quanto a essa visão, podemos fazer um paralelo com uma característica do *ethos* do povo brasileiro, identificado por Sérgio Buarque de Holanda (2014) em sua obra *Raízes do Brasil*, no qual a boa ordem social brasileira só é conhecida por intermédio das jurisdições; acredita-se que as leis são o que compõe as boas ações do povo, no entanto, em sua ausência, as experiências históricas e presentes demonstram deseducação e indiferença. As mudanças governamentais provam que as rupturas não devem ser somente em alguns pontos da sociedade; é explícita a emergência de uma mudança em toda a sua composição.

Quando questionado sobre a existência de algum ponto positivo e sobre as atividades que vem realizando no período de quarentena, o senhor Ademir relata a proximidade familiar que conseguiu adquirir nos últimos meses:

O ponto positivo é que eu estou bastante com meus netos, né, que são um [...] casalzinho, né, e eu tô curtindo bastante, esse é o lado positivo, né. Eu faço brincadeiras com eles, a gente brinca, né, enfim. É bastante divertido assim, né, ficar com os meus netos, né. Antes ficava às vezes só no sábado ou no domingo, poucas horas com eles, né, porque trabalhava de segunda a sábado e às vezes no domingo ia trabalhar na Univille quando tinha concurso, né. Então o ponto positivo [é] que eu estou, assim, curtindo bastante a minha família, né, a minha família que é os meus netos e a minha filha que mora comigo, né. A gente está bastante mais próximo agora, né, a gente conversa mais até, né. Uma coisa que antes era, eu chegava, ela saía, ou eu saía e ela chegava, né. E hoje a gente tá mais junto, né. A gente chega até a se conhecer mais do que antes, né. A proximidade melhora (BRINCKMANN, 2020).

A percepção de melhoria nas relações familiares é bem presente nos debates sobre a quarentena. Os discursos acerca do “novo normal” dividem opiniões, pelo fato de que as pessoas começaram a notar o número de experiências que passam despercebidas ou que não ocorrem com tanta intensidade quando levamos um ritmo de vida tão acelerado, tal qual se está acostumado e estratificado como a

única via possível. É com as pequenas ações, como o contato familiar, o cuidado consigo próprio, o desenvolvimento de atividades inéditas pelas quais sempre se teve interesse, entre outras coisas, que se toma conta do “ponto positivo” da quarentena. Tais ações, no entanto, poderiam e podem ocorrer de maneira espontânea e mais duradoura se o ritmo do século XXI for minimizado, e o bem-viver, priorizado.

Todavia não podemos nos cegar para a onda de crimes domésticos violentíssimos contra mulheres e crianças que vem se perpetuando de forma alarmante no município de Joinville (FARIAS, 2020; PARAIZO, 2020), muitas vezes transbordando o espaço privado e alcançando o urbano, ameaçando o falso *status* joinvilense de cidade ordeira. Seriam esses acontecimentos consequência propriamente do isolamento social ou a libertação de um ímpeto há muito reprimido e que agora encontra um cenário propício e um discurso legitimador? Discurso esse que culpabiliza o isolamento social por todas as intempéries econômicas que vêm assolando o país – uma mera retórica demagógica que coloca toda uma população em risco (BOLSONARO..., 2020).

No tangente às redes sociais, que tomaram as rédeas da sociedade, na qual o trabalho, a educação e as relações afetivas se tornaram virtuais pela necessidade de distanciamento, o senhor Ademir relata a utilização de aplicativos de bate-papo para manter contato com pessoas próximas e importantes para ele:

[...] só pelo WhatsApp, Messenger, né. A gente conversa bastante, joga uma conversa fora pelo Messenger, né. Há... a gente não tem mais, assim, aquele contato, né, isso faz falta para a gente, né. Às vezes eu fico um pouco, né, como já estou com uma idade assim, né, eu só tenho “cinco ponto oito”, mas, né [risos]. A gente fica meio estressado porque eu sou acostumado a sair e eu gosto de brincar, me divertir, né. Dar risadas, essas coisas assim, e isso faz falta, né (BRINCKMANN, 2020).

O entrevistado também relata que utiliza canais jornalísticos para obter notícias atualizadas da pandemia, mas que não passa muito tempo preso às informações que chegam a cada segundo, tendo consciência do quão prejudicial esse excesso informativo pode ser. Nessa perspectiva, podemos afirmar que o meio virtual é de fato uma ferramenta imprescindível, no entanto ele não consegue suprir as relações sociais que a interação e a convivência do dia a dia do “mundo presencial” proporcionam às pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do ano de 2020 foram enfrentadas inúmeras dificuldades, que modificaram os ritmos de vida, os hábitos rotineiros e tudo o mais que fosse necessário para permanecer longe do vírus e em segurança. A pandemia de covid-19 escancarou problemas em todos os âmbitos da sociedade, problemas esses que não foram resolvidos em décadas e séculos de nossa História. As sequelas sociais da pandemia ainda são incertas, mas com certeza deixarão cicatrizes profundas na memória coletiva de quem se permitir experienciá-las.

A perspectiva apresentada por Ademir Brinckmann como pai, avô e trabalhador – ou seja, cidadão – convida-nos a refletir sobre nossa vida em comunidade. As dificuldades narradas por ele conseguem expressar a surpresa de todos em vivenciar um momento tão inimaginável como este, e sua narrativa expressa a solidariedade mantida por ele mesmo quando as pessoas à sua volta transgrediam as medidas impostas. Como um verdadeiro cidadão, o senhor Ademir fez o que estava ao seu alcance para colaborar com as medidas cautelares.

Por fim, é muito gratificante que o entrevistado tenha sentido o seu protagonismo ao trazer à tona seus relatos, pois isto é essencial: tomar consciência de seu papel na sociedade, posicionando-se como mais um ladrilho no mosaico da História.

REFERÊNCIAS

BOLSONARO usa violência doméstica para criticar isolamento social. **Catraca Livre**, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-usa-violencia-domestica-para-criticar-isolamento-social/>. Acesso em: 8 maio 2021.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Espanha: Universidade de Barcelona, 2002.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Regional. Secretaria Nacional de Saneamento – SNS. Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento – SNIS. **24.º Diagnóstico dos Serviços de Água e Esgotos – 2018**. Brasília, 2019. 180 p.

BRINCKMANN, Ademir. **Ademir Brinckmann**: entrevista oral [16 ago. 2020, Joinville]. Entrevista concedida a Wesley dos Santos Graper e Lauana Aparecida Vicente, para o projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2020.

CUNHA, Dilney. **História do trabalho em Joinville**: gênese. Joinville: Todalettra, 2008.

FARIAS, Hassan. “Presença do homem em casa dificulta a denúncia”, diz delegada de Joinville sobre violência doméstica. **NSC Total**, 4 maio 2020. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/presenca-do-homem-em-casa-dificulta-a-denuncia-diz-delegada-de-joinville-sobre-violencia>. Acesso em: 8 maio 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.

PARAIZO, Lucas. Com menos feminicídios e casos de agressão, polícia reforça atenção à violência doméstica em SC. **NSC Total**, 6 maio 2020. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/com-menos-femicidios-e-casos-de-agressao-policia-reforca-atencao-a-violencia-domestica>. Acesso em: 8 maio 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. 100 dias que mudaram o mundo. [Entrevista cedida a] Camila Brandalise e Andressa Rovani. **Universa UOL**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/coronavirus-100-dias-que-mudaram-o-mundo/#cover>. Acesso em: 30 nov. 2020.

SILVA, Janine Gomes da. **Tempo de lembrar, tempo de esquecer** – as vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. Orientadora: Joana Maria Pedro. 295 f. 2004. Tese (Pós-graduação em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SORDI, Neide Alves Dias de. **Manual de procedimentos do programa de História Oral da Justiça Federal**. Brasília: Conselho da Justiça Federal, 2007. 36 p. Disponível em: <https://www2.cjf.jus.br/jspui/handle/1234/19>. Acesso em: 1 dez. 2020.

VELASCO, Clara. Raio X do saneamento no Brasil: 16% não têm água tratada e 47% não têm acesso à rede de esgoto. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/24/raio-x-do-saneamento-no-brasil-16percent-nao-tem-agua-tratada-e-47percent-nao-tem-acesso-a-rede-de-esgoto.ghtml>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Memórias da cidade e experiências sociais na pandemia: contextos narrativos de uma operária industrial

*Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto¹
Vinicius de Azevedo Antônio Vieira¹*

INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19 trouxe muitíssimos impactos para a sociedade. O ano de 2020 foi um dos períodos que provaram a histórica fragilidade humana, por conta do surgimento do Sars-CoV-2. Desse modo, vários âmbitos de atuação, se não todos, obtiveram consequências negativas, como a economia, a política, a saúde pública, o setor educacional, o familiar, o sociocultural etc. Nas eventualidades dessa crise o Brasil não ficou de fora, e, certamente, o município de Joinville (SC) foi um polo de enorme contágio desse vírus², resultando em diversos decretos da prefeitura com a finalidade de diminuir as infecções.

Dados todos esses fatos, o curso de licenciatura em História da Univille – e especificamente um dos seus órgãos: o Laboratório de História Oral – desenvolveu um projeto de pesquisa que visa analisar os impactos pandêmicos, intitulado “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus* Joinville)”, apropriando-se da metodologia da História Oral para produzir as narrativas de memória. O trabalho foi desenvolvido por professores e acadêmicos que entrevistaram familiares, alunos, docentes e pessoal administrativo da Univille³.

Este artigo científico problematiza uma das narrativas produzidas no projeto referido anteriormente. A entrevistada, familiar de Gabriel Furlanetto, chama-se Elaine Cristina de Souza de Oliveira Medeiros e, na data da entrevista (2020), era operária na empresa Whirlpool S.A. e residente em

¹ Estudantes do 1.º ano do curso de licenciatura em História da Univille em 2020.

² Em 9 de abril de 2021 foram contabilizados, no município de Joinville, aproximadamente 77.000 infectados e 1.090 mortes (COVID-19..., 2021). Referente ao estado de Santa Catarina, em 10 de abril de 2021 houve por volta de 834.212 infectados e 11.966 mortes (GOVERNO DE SANTA CATARINA, 2021).

³ Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) do projeto: 33767720.9.0000.5366.

Joinville (SC). Ela tem uma filha e possui ensino médio completo. Essa mesma entrevista, intermediada pela História Oral e utilizada para fins científicos, tem como objetivo fundamental articular e configurar fontes historiográficas, utilizando relatos orais produzidos por intermédio de pesquisadores e suas observâncias prático-científicas. De mais a mais, além do objetivo fundamental citado, este trabalho também tem como característica elementar dar voz a uma pessoa das classes populares, isto é, fazer com que ela seja precursora da produção historiográfica, visto que já opera historicamente pelo fato de compor manifestações culturais.

O SURGIMENTO DA PANDEMIA E A ENTREVISTA⁴

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China, o primeiro caso de covid-19 foi relatado oficialmente. Disseminado o vírus e proclamada a sua pandemia, algumas nações decretaram medidas cabíveis quanto à situação, o que incluiu, é claro, algumas providências governamentais por parte da China – como a rápida construção de um hospital intitulado Huoshenshan.

No dia 3 de fevereiro de 2020, o mundo recebeu assombrado a notícia sobre a inauguração do Huoshenshan na cidade de Wuhan. Capital da província de Hubei, a cidade foi o epicentro de uma pneumonia de causa desconhecida [...]. Esta havia se alastrado vertiginosamente na região durante todo o mês de dezembro e janeiro. Construído em uma área de cerca de 25.000 m², o hospital comportaria 1.000 leitos atendidos por uma equipe médica de 1.400 pessoas. O espanto provocado por esses números superlativos foi reforçado pelo fato de que tal estrutura havia começado a ser erguida há exatos dez dias, um tempo recorde jamais pensado (MARQUES; SILVEIRA; PIMENTA, 2020, p. 225-226).

Na pungente realidade dessa pandemia, as memórias sociais emergiram. Muitas mortes e desemprego sobrevieram, além dos sofrimentos daqueles que foram acometidos por dificuldade respiratória e outros sintomas. Nessas circunstâncias, as experiências de vida são tecidas pela aflição emocional e

⁴ A cidade de Joinville possui várias memórias não catalogadas, pois o projeto de pesquisa citado não é tecnicamente capaz de abordar a parte majoritária da população, no entanto, como os indivíduos em geral estão sujeitos às consequências da pandemia de covid-19, pode-se contar com específicas fontes de memória que já são capazes de representar, mesmo sem amplas consciências comunitárias, uma parte da sociedade.

socioeconômica, bem como pelo sofrimento em âmbito físico. Posto isso, no emaranhado de experiências que são geradas inevitavelmente, as dores resultaram em memórias. Estas são, de forma sintetizada, seguimentos de funções psicológicas⁵ que caracterizam a identidade de cada indivíduo. Em suma, tais memórias corroboram a manifestação social de cada um, sendo reveladas pelas narrativas. Por conseguinte, essas narrativas, dependendo de suas circunstâncias, podem caracterizar um fragmento de patrimônio cultural imaterial.

[...] graças ao alargamento do conceito de patrimônio cultural, ou seja, quando se passou a considerar o imaterial, é que se abriu a possibilidade para pensar as narrativas de vida como um patrimônio. Elas estão inscritas na cultura viva, isto é, se dá na transmissão de conhecimento, competências, nos modos de viver, na articulação de memórias que viabilizam identidades. As narrativas de si são uma das “formas de expressão” (VENERA; ALBUQUERQUE, 2019, p. 95).

Afinal, constituída a narrativa como patrimônio cultural imaterial, há uma conjuntura de esfera comunitária. Em vista disso, sendo ela uma área de expressão histórica, a fundamentação das narrativas sociais dá-se pela metodologia de História Oral.

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito [...] a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individual, e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. [...] A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais (PORTELLI, 1997, p. 15-16).

Contudo a discussão de patrimônio cultural não é o foco deste artigo, sendo o intento dessa menção um modo de revelar a amplitude da História Oral. E, ao tratar dela e de sua relevância para com narrativas sociais, eis que surge, no município de Joinville, uma proposta de catalogar as memórias

⁵ A relação entre identidade e memória coloca de forma clara que “a identidade se manifesta como um relato, um discurso autorreferenciado que se projeta como uma totalidade significante, [...] alicerçada sobre três bases: a natureza do acontecimento recordado, o contexto sincrônico do acontecimento e o contexto sincrônico da rememoração” (SILVA, 2010, p. 444).

referentes à pandemia de covid-19. Por artifício institucional da Univille, há a consumação dessas por meios científicos.

Na ocasião da entrevista, a qual havia sido marcada anteriormente, Elaine⁶ apresentou-se com postura e expressão fatigadas e tinha pressa em concluir o depoimento, por conta de sua rotina de muitos afazeres.

Os entrevistadores organizaram um meio digital para que a entrevista fosse feita a distância e ocorresse normalmente. Após a contextualização da pesquisa, a entrevistada foi questionada sobre o início da sua vida em Joinville. Elaine respondeu que já mora no município desde os 14 ou 15 anos de idade (MEDEIROS, 2020). Em seguida, foram introduzidas as questões sobre as experiências de Elaine na pandemia.

O cinema, a família e os lanches da cidade: de tudo isso Elaine sentiu falta. Não é para menos; Joinville é uma grande cidade cheia de atrações, como boates, bares, pizzarias e redes de *fast food*. Contudo a entrevistada expressou sua consciência ética sobre a necessidade de biossegurança, o que não foi evidenciado por ela exatamente dessa forma, mas é o que se capta do contexto prático. Desse modo, Elaine manteve-se, apesar das saudades do entretenimento e da sociabilidade externa e de acordo com as suas próprias palavras, fiel ao isolamento social (MEDEIROS, 2020).

Ainda sobre a pandemia e a biossegurança inculcada, Elaine enxergou um ponto positivo: a prática de desinfetar produtos de supermercado com álcool para limpar as sacolas e os produtos comprados. Outrossim, a segurança é ainda maior se utilizados máscaras de proteção e álcool em gel nas mãos, seja em comércios, domicílios ou locais públicos. Ela acredita que esses hábitos serão contínuos, mesmo após o fim da pandemia, visto que a preocupação popular com doenças pode acentuar-se. A entrevistada também demonstrou indignação com os cidadãos que não obedeceram às normas de biossegurança. Em resumo, ela explicitou as suas discordâncias em relação à atitude de aglomerar-se para consumir bebidas alcoólicas e narguilé (citando especificamente essas práticas) (MEDEIROS, 2020).

Os descuidos com a utilização dos itens de proteção também são comportamentos perigosos. Por vezes é necessário sair de casa para ir a algum estabelecimento efetivar compromissos, e, conseqüentemente, é essencial usar máscaras descartáveis, de pano ou outro material, ou máscaras N95 – além de higienizar as mãos com álcool em gel. Todavia há indivíduos que passam a mão, que pode estar contaminada pelo vírus, na parte frontal da máscara, pondo em risco a si próprio. Na ausência de álcool em gel, o perigo de contaminação é ainda maior. Há também um outro perigo, segundo Elaine: entrar com os sapatos sujos em casa, comportamento sobre o qual referenciou certo desconforto (MEDEIROS, 2020).

⁶ Como essa entrevista de História Oral foi gravada em vídeo, há a expressão de linguagem facial.

Nesse ponto da entrevista, esta se encontrava na metade do tempo e das atividades planejadas, e a expressão facial de Elaine continuava evidenciando características de cansaço/fadiga, contudo ela não demonstrou incômodo com as perguntas feitas. Aliás, mesmo sendo tia de um dos entrevistadores, Elaine não fez questão de atuar com intimidade e, por vezes, até parecia almejar respostas objetivas, mesmo que isso não exclua o fato de que alguma subjetividade estava presente. O que parecia interessá-la era o seu conforto e sua espontaneidade durante a entrevista. Nessa condição, um dos principais historiadores orais da Itália diz que,

da mesma maneira que trabalhamos com a interação do social e do pessoal, trabalhamos com a interação da narrativa, da imaginação e da subjetividade, por um lado, e, por outro, com fatos razoavelmente comprovados. [...] A História Oral não mais trata de fatos que transcendem a interferência da subjetividade; a **História Oral trata da subjetividade**, memória, discurso e diálogo (PORTELLI, 1997, p. 25-26, grifo nosso).

Logo após, iniciou-se o assunto sobre ações governamentais, e Elaine começou falando que “*no Brasil não está sendo como lá fora*” (MEDEIROS, 2020), referindo-se ao exterior. Os Estados Unidos da América, por exemplo, não foram um país exemplar no que se trata de cuidados de biossegurança (COVID-19..., 2020).

Outrossim, ela falou sobre o presidente da República do Brasil. Jair Messias Bolsonaro é um sujeito polêmico no governo, justamente por certas declarações com sentidos ácidos e impulsivos. Certas decisões feitas em torno de sua governança são motivo de discussões, às vezes hostis, nas redes sociais. Referente à questão da pandemia de covid-19, o presidente mostrou-se desfavorável ao isolamento social rígido e obrigatório, resultando em atritos sociais entre apoiadores e reprovadores de seu governo. Destarte, Elaine deu a entender que as normas governamentais do Brasil, quanto à pandemia, seriam melhores (mais rígidas, nesse caso) se o país fosse dirigido por líderes de governo de outros países. De mais a mais, Elaine ainda comentou que o presidente Jair Bolsonaro “*deixa a desejar*” (MEDEIROS, 2020).

A visão de mundo, a qual pode ser chamada também de cosmovisão, foi um assunto discorrido. Os entrevistadores questionaram Elaine se houve alteração disso em sua vida e na vida das pessoas que moram com ela. Ela respondeu que, de certo modo, sim. Ao justificar sua resposta, Elaine disse que a covid-19 veio para exibir a fragilidade humana (MEDEIROS, 2020).

Para explorar melhor a resposta dada por ela, é viável aprofundar-se na questão, pois a consciência de Elaine, em sua visão de mundo, estava atrelada

à sobrevivência das pessoas que ama. Esmiuçando o proposto, se a visão de mundo que Elaine tem corresponde necessariamente a indivíduos amados e queridos, feri-los seria como romper um fragmento – uma parte – de sua própria vida. Além disso, se a resposta única e principal foram as pessoas amadas, conforme ela referiu ao discorrer sobre sua cosmovisão, então se pode supor que a covid-19 não seria configurada apenas como um “agente biológico”, mas, sim, como um inimigo de *front*, uma ameaça em potencial contra aquilo que pode significar uma das coisas mais importantes para a vida dela – se não a maior dentre todas: a família e/ou os amigos.

Uma concepção caracterizada ao coletivo fluiu na resposta de Elaine. Ainda sobre a visão de mundo, ela pronunciou “a gente” quatro vezes, portanto é óbvio que essa menção não correspondia exclusivamente a ela, evidenciando que a singularidade é deixada de lado em prol dos “outros” em seu discurso. De qualquer forma, não está explícito se Elaine se referia também às pessoas amadas dos entrevistadores ou à abrangência absoluta da sociedade. Independentemente da amplitude da concepção coletiva a que ela aludiu, Elaine não se encaixa naquilo que deve ser chamado de egoísmo/individualismo comportamental.

Nas premissas de coletivismo, obstruir as práticas individualistas que não corroboram as questões comunitárias é atender a específicas concepções de pilares democráticos. Essa resposta da entrevistada pode ser concebida como uma semente de questões políticas que abraçam ideologias como a social-democracia, por exemplo. Todavia esse adendo é uma cristalização das potencialidades das fontes orais, adjuntas de temas sociais e capazes de revelar uma linguagem profunda com a repetição de palavras. Portelli (1997, p. 42) diz que “[...] na maioria dos casos [...] os entrevistados [...], ao se exporem em público usando a linguagem e discurso cotidianos, tornarão visível a dignidade desses dois elementos”, ou seja, constatada a informalidade de Elaine – expressa nas suas características faciais durante a entrevista, na instantaneidade das respostas e na repetição exacerbada de palavras, tudo isso interligado pelas suas conotações ao coletivo –, considera-se que ela é um indivíduo posto na ética de biossegurança da pandemia de covid-19.

A entrevistada também foi questionada sobre os impactos da pandemia em seu futuro e em seu exercício profissional. Como é operária numa gigantesca indústria de Santa Catarina (Whirlpool S.A.), suas respostas sobre os impactos na economia, política, sociedade e trabalho valeram-se de uma percepção comum, mas longe de ser irreal: desemprego e ocorrência de auxílios

socioeconômicos governamentais⁷. Em síntese, Elaine é parcialmente leiga, porquanto sua rotina como operária industrial, mãe e dona de casa não lhe permite uma extensa busca por fontes científicas e jornalísticas. Há de supor que o que ela sabe é baseado, principalmente, em informações televisivas, na sociabilidade em seu trabalho e na sociabilidade do seu cônjuge.

As últimas perguntas a serem propostas na entrevista investigavam o papel das universidades no decorrer e no término da pandemia, entretanto as respostas de Elaine circularam novamente seu âmbito profissional: a importância da psicologia para o tratamento dos operários afetados negativamente pelo isolamento social e pelas restrições éticas de biossegurança. Ela testificou a relevância dessa ciência e, para colaborar com o relato, comentou sobre um dia em que certo funcionário da empresa em que trabalha foi acometido por uma crise de ansiedade, ocasionada pelo uso da máscara de proteção em um ambiente de alta temperatura (MEDEIROS, 2020).

Efetuada todas as perguntas, Elaine não apresentou irritabilidade nem insatisfação com as respostas. Tudo ocorreu pacatamente. Em vista disso, suas expressões faciais estavam consideravelmente inalteradas, assim como seu tom de voz. Para mais, ela não requisitou uma devolutiva da entrevista. Por fim, concluiu-se mais uma fonte de História Oral, e a satisfação com o resultado da pesquisa pode ter sido unânime.

Elaine expôs as narrativas de suas experiências, e os pesquisadores, por sua vez, ainda tinham atividades a serem desempenhadas, considerando que, mesmo com as respostas obtidas, eles devem

[se] esquecer do mito de obter as informações totalmente completas, ou de esgotarmos nosso assunto com os entrevistados. Sabemos que ninguém consegue obter todas as informações a nosso respeito. Portanto, por que o faríamos com eles? Invariavelmente, conseguiríamos um fragmento daquilo que sabem, um fragmento daquilo que são. [...] deveríamos nos dar por felizes em consegui-lo [...] (PORTELLI, 1997, p. 46).

⁷ O governo brasileiro criou um plano de auxílio emergencial para conter os problemas socioeconômicos gerados pela pandemia de covid-19. Saiba mais em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/04/17/452-milhoes-de-pessoas-foram-aprovadas-para-receber-o-auxilio-emergencial.ghtml>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaine, uma das colaboradoras desse projeto da Univille, expôs suas experiências adquiridas na pandemia de covid-19. Ainda que a entrevista tenha sido breve, algumas das respostas da entrevistada foram suficientemente subjetivas, característica que se configura como um dos rudimentos dos quais a História Oral se vale.

Quanto aos pontos positivos e negativos, Elaine apresentou a realidade como de fato ela é para grande parte da população: insegura, com os seus próprios fundamentos de socialização e com a corporificação da fragilidade humana. Sistematizando os conteúdos de suas respostas, a entrevistada apresentou, implicitamente, a importância que as pessoas amadas têm na sua vida; deixou subentendida a consideração pelo coletivo; mostrou uma aparente fidelidade às normas de biossegurança; transpareceu indignidade para com a governança do atual presidente do Brasil; e teceu um problema sobre o rígido uso do material de proteção. À vista disso, Elaine constitui-se como uma vítima, mas também como uma protagonista das consequências da covid-19.

Em conclusão, a entrevistada esteve submetida aos diversos impactos da pandemia, e suas experiências foram, certamente, bem marcantes, uma vez que o que ela observou no mundo foi díspar do que vivenciou no passado. Por conseguinte, tendo a consciência de tentar tornar amenos os impactos negativos, Elaine configurou-se como um indivíduo ativo da realidade presente.

REFERÊNCIAS

COVID-19: mais 20 mortes são confirmadas em Joinville. **ND MAIS**, Joinville, 9 abr. 2021. Disponível em: <https://ndmais.com.br/saude/covid-19-mais-20-mortes-sao-confirmadas-em-joinville/>. Acesso em: 12 abr. 2021.

COVID-19: Reino Unido começa vacinação em massa enquanto EUA passam por momento crítico. **UOL Notícias**, 8 dez. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/12/08/covid-19-reino-unido-comeca-vacinacao-em-massa-enquanto-eua-passam-por-momento-critico.htm>. Acesso em: 8 dez. 2020.

GOVERNO DE SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Saúde. **Estado confirma 834.212 casos, 802.756 recuperados e 11.966 mortes**. 10 abr. 2021. Disponível em: <https://www.saude.sc.gov.br/index.php/noticias-geral/12371-estado-confirma-834-212-casos-802-756-recuperados-e-11-966-mortes>. Acesso em: 12 abr. 2021.

MARQUES, Rita de Cássia; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres; PIMENTA, Denise Nacif. A pandemia de covid-19: intersecções e desafios para a História da Saúde e do Tempo Presente. *In*: REIS, Tiago Siqueira *et al.* (org.). **Coleção História do Tempo Presente, volume 3**. 3. ed. Roraima: Editora UFRR, 2020. v. 3, p. 1-314.

MEDEIROS, Elaine Cristina de Souza de Oliveira. **Elaine Cristina de Souza de Oliveira Medeiros**: entrevista oral [28 ago. 2020, Joinville]. Entrevista concedida a Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto e Vinicius de Azevedo Antônio Vieira, para o projeto “Memórias sociais na pandemia (covid-19): uma experiência de curricularização da extensão universitária – narrativas da comunidade acadêmica da Univille (*Campus Joinville*)”. Disponível em: Acervo do Laboratório de História Oral da Universidade da Região de Joinville. Joinville, 2020.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13-49, abr. 1997.

SILVA, Wilton C. L. Resenha. **História (São Paulo)**, v. 39, n. 1, p. 442-446, 2010. ISSN 1980-4369. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/yhCfxSRvSy3ZFLp4gvtBc7R/?lang=pt>. Acesso em: 22 abr. 2021.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena; ALBUQUERQUE, Wesley Batista. O que as práticas narrativas de testemunhos dizem sobre o patrimônio cultural. **Revista Memória em Rede**, v. 11, n. 21, p. 83-107, 2019. ISSN 2177-4129. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/16588/10241>. Acesso em: 12 abr. 2021.

